O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 7 DE ABRIL DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:681

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O TABACO.—ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS.—SE NÃO FOSSE ELLE...—DECLARAÇÃO.—NOTICIARIO.—SESSÕES PARLAMENTARES.--SECÇÃO AGRICOLA.--PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena*.—PAGINA LITTERARIA: CONTO DE PASCHOAS, *por Agnelo Oscar*; HYGIENE, *por Catulle Mendés*; NOTAS DE UMA IMPRESSIONISTA, *por Valentina de Lucena*; FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—TELEGRAMMAS.

AVEIRO

O TABACO

Na questão dos tabacos é necessario argumentar com clareza e com lisura. Não basta ser palavrôso, e fallar muito. O que é preciso é, calcular com exactidão, ou aproximadamente, e não fazer obra pelo «diz-se» tão peninsular, e cada vez menos acceitavel como testemunho de valor.

Que o regimen erradamente denominado liberdade, não convinha ao individuo, nem ao estado, diziam-no evidentemente os factos. O publico estava a ser explorado pelas emprezas, que lhe vendiam por tabaco o que não era. Desde 1864 para cá fuma-se em Portugal mais caro e peor, do que anteriormente na epoca do monopolio. Temos ainda saudade dos bellos charutos de 20 réis, havanos e estrellas, que os não havia d'outras castas. Actualmente ha em charutos grande variedade, e para todos os preços, mas podemos asseverar que semelhante artigo está por tal modo falsificado, que é raro encontrar tabaco soffrivel em qualquer das manipulações expostas á venda, comprehendendo n'esta classificação o genero importado.

Em segundo logar, não obstante os fiscaes do governo, nenhum pacote de folha tem o pezo determinado por lei. Ou porque os envolucros sejam muito grossos, ou por circumstancias que ignoramos, é certo, que a folha picada foi sempre uma burla para a bolsa do consumidor. Como se vê não entra aqui só a qualidade do genero. Não é indifferente para o publico, que fuma habitualmente, a circumstancia do pezo, porque o consumo é diario, e por tanto a lezão é enorme.

Alem d'isto ha mais a questão operaria, que se agrava de dia para dia. Porque houve no Porto tumultos ha dois annos? Foram os salarios pagos pelas fabricas a rasão d'elles. Os manipuladores trabalham e precisam ser convenientemente remunerados. Não basta attender aos interesses dos capitalistas; é mister olhar tambem pelas conveniencias dos que mourejam nas officinas, que teem eguaes direitos á protecção do estado.

A industria particular, de que se declarou paladino o illustre deputado pelo Porto, o sr. Arroio, não póde assoberbar o estado, nem prevalecer ao interesse legitimo de milhares de familias. Os capitaes teem muito em que occupar-se. Ha no paiz necessidade de mais fabricas de tecidos d'algodão, por que as que existem não produzem o sufficiente para as exigencias do consumo. Haja vista a importação do genero, as porções de pannos crús que a Inglaterra constantemente despeja sobre o nosso mercado. Aqui está uma variante, para que chamamos a industria *particular*.

Depois, as ponderosas considerações que já exhibimos, provam á saciedade que era forçoso, indispensavel adoptar outras providencias quanto ao regimen dos tabacos, sem que nos apavore a ideia de que o estado não auferirá lucros alguns da *régie*. Pensamos, e comnosco a grande maioria do paiz, exactamente o contrario, e quando mesmo assim fosse, a circumstancia de melhorarem as condições do fabrico em beneficio publico, e a da melhoria na existencia dos manipuladores, eram sufficientes para que o governo providenciasse sobre o caso, salvaguardando interesses muito mais valiosos que os de duas duzias de capitalistas, a maioria dos quaes se acha inteiramente identificada com a proposta ministerial.

Já se vê que a opposição parlamentar não pleiteia em nome do paiz, nem de nenhuma escola ou idêa economica. Arma ao effeito com as suas objurgatorias, calcula sobre o joelho, e tira conclusões que não se conteem nos principios. Não representa o que ha-de grande nas questões de primeira plana. Não defende a liberdade do fabrico, porque o que ahi existiu não era liberdade, e quando mesmo o fosse, era inadmissivel em frente de interesses de uma ordem muito superior.

Ora argumentar sem base, pôr a palavra e a vontade ao serviço de uma causa, que a opinião tinha já condemnado, póde ser um esforço singular a bem de conveniencias illegitimas, mas o que não é, o que não póde ser é ouro de lei na balança da opinião.

Isto devia comprehender a opposição, não gastando a sua actividade em discussões, que o publico aprecia desfavoravelmente para ella. Não lhe exigiamos que désse o voto á medida do governo, que lhe póde ser antipathica. Mas o que devia era abster-se de quebrar lanças por um regimen contra o qual se tinham abertamente pronunciado tres classes respeitaveis, isto é, a quasi totalidade do paiz, a saber: consumidores, manipuladores e revendedores.

Já vêem que não mettemos em linha de conta os lucros provaveis do thesouro com a mudança para a *régie*. Mas ainda mesmo que o estado não arrecade mais em suas arcas, do que percebe actualmente da mesma proveniencia, o novo regimen do tabaco seria preferivel ao que ahi existe.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS

Acabamos de ver no boletim parlamentar do *Diario Popular* de hontem, que o sr. conde de Castro levántou no parlamento uma das mais palpitantes e momentosas questões sociaes da actualidade, e que é ao mesmo tempo uma questão de humanidade e de segurança publica. O extracto da sessão da camara dos pares a que nos referimos, é o seguinte:

> «Na camara dos pares o sr. conde de Castro desejava chamar a attenção do sr. ministro da marinha, para objecto muito importante, mas como s. ex.ª não se achava presente pedia aos seus collegas do governo o prevenissem das reflexões que vai fazer.
>
> Leu em alguns jornaes, que se dera um facto em Caminha que consternou toda a povoação; foi o naufragio d'um navio, dando origem á perda de 23 vidas, que podiam ter sido soccorridas, se por ventura ali houvesse meios de salvação, mas que não se poude salvar a tripulação por que não existem ali meios para se acudir a casos similhantes; por isso chama a attenção do governo para que procure remediar estas faltas que são muito importantes, e lembra que se organise uma associação que sirva para soccorrer os naufragos e evitar quanto possivel os naufragios; que essa associação seja presidida por sua magestade a rainha e que a sua installação se faça por meio d'uma subscripção nacional, e com alguma parte dos remanescentes que possa haver da subscripção, que ora se faz para as victimas do Baquet, que é a sua opinião, deve ser bastante elevada, e que esta associação, para evitar os inconvenientes de conflictos com as auctoridades seja sujeita á direcção do governo na parte em que tem de exercer a sua acção. Não indica o nome de sua magestade el-rei ou do Principe Real, porque tratando-se de um acto de caridade cabe bem a presidencia a sua magestade a rainha, pois quando uma senhora, como a augusta soberana, apparece na frente de acções tão sympathicas, colhe sempre maior obulo para a caridade que tem de exercer.
>
> O sr. conde de Castro agradeceu a parte que o sr. ministro da guerra declarava querer tomar na realisação da sua ideia e desenvolveu ainda mais largamente o seu pensamento.
>
> O sr. ministro da guerra. Fez vêr que já alguns annos pertenceu a uma commissão que fez alguns trabalhos n'este sentido e que o governo não tem duvida em associar-se a este acto de caridade.»

Já ha muito tempo iniciámos no *Parlamento* uma campanha pertinaz em favor da generosa ideia que o illustre parlamentar acaba de apresentar em côrtes. Chegámos ainda a ver constituida uma commissão, composta de alguns jornalistas d'esta cidade para promover a organisação da *Associação de Salvadores*, a exemplo do que se tem feito no Havre, em Marselha, em Brest, em New-Castle, em Long-Island, em New-York, e em muitos outros pontos, onde a parte illustrada da população sabe pospôr ás questões miseraveis da politica, os grandes commetimentos philantropicos, que nobilitam quem os promove, e attestam o adiantamento moral dos povos.

Não lográmos, porém, ver coroados de bom exito os nossos desinteressados esforços, e *a constituição da Associação* passou á historia dos factos consummados. Nem o sinistro do *Andrade*, os naufragios do *Kate-Forster*, e do *Amtand-Ool*, a catastrophe do *Ascensão* e tantas outras desgraças que temos presenciado ahi, a dois metros de terra sem se lhe podermos acudir, conseguiram acordar no espirito dos nossos conterraneos o sentimento da confraternidade, que tantos beneficios espalha na sociedade e que produz tantos heroismos e tantos rasgos d'abnegação.

Não faltam em Aveiro recursos para se organisar uma sociedade d'esta natureza. Temos ahi muita gente valida, muita dedicação provada, muita generosidade manifestada centenares de vezes. O que nos falta é centralisar-lhe a acção, e reunir tantos elementos dispersos sob um mesmo pensamento. Desde que appareça quem tome sobre si a direcção do movimento, Aveiro terá em pouco tempo uma associação de soccorros a naufragos com todas as condições de vida e de trabalho.

Por seu lado, o governo não duvidaria fornecer-nos todo o material de salvação preciso para completar esse grandioso emprehendimento, que honraria a nossa terra e os que o promovessem. E conseguido o material, o resto pouco é.

Ahi fica registada a lembrança. Os que podem dirigir n'este sentido a opinião, que empreguem os esforços da sua actividade, e bem merecerão dos desgraçados, cuja vida tantas vezes corre perigo. Promova-se a organisação da Associação dos salvadores, que Aveiro não póde nem deve ficar atraz dos que em Vianna do Castello e outros pontos do paiz souberam agremiar-se para soccorrer os naufragos. Pela nossa parte, não deixaremos passar em claro o appello, se alguem se lembrar de nos pedir o concurso. O pouco que valemos, sinceramente o collocamos ao dispôr dos que queiram iniciar tão levantado commettimento.

FERNANDO DE VILHENA.

SE NÃO FOSSE ELLE...

O sr. Arroyo, deputado pelo Porto, acabou o seu longo discurso, cujo tamanho fica muito além da celebre *legua da Povoa*.

Fallou contra os tabacos, isto é, contra a *régie*, porque não foi esta medida financeira apresentada pelo heróe de *Caneças*. Acabou pois a sua lenga lenga, e verdade, verdade, se não fosse elle a *serpia* estava só, isolada como um cenobita, ou anachoreta!

Se não fosse elle... a opposição dormia o seu somno descansado, e lá passava a *régie* sem um bocado de rhetorica, unica especialidade dos *serpios* que teem rhetorica a valer.

Se não fosse elle... que seria dos apostolos do sr. Serpa que foi eleito chefe por subscripção, e subscripção que não chegou além dos muros da antiga Olysipo?

Se não fosse elle... quem entoaria o *de-profundis clamavit* ao antigo e esfarrapado partido regenerador, que elles por ahi clamam, que está rijo e são como um pêro?

Bem faz o sr. Arroyo, rapaz de talento, com sangue na guelra, em acudir ao seu chefe que se vê acolytado na camara alta pelo sr. Bocage, mas não dos manes d'aquelle improvisador dos outeiros nos abbadeçados.

Ora o sr. Serpa que tambem foi poeta, e escreveu até loas, e dithyrambos no *Pharol* e na *Abelha*, viu-se elevado a chefe, e agora acompanhado por dois falladores de bom gosto como o sr. Arroyo e o sr. Bocage.

O sr. Bocage apanhou uma tunda mestra, que lhe deu o illustre ministro das obras publicas na sessão de quarta-feira d'esta semana, quando se tratou do caminho de ferro do Algarve, dizendo-lhe que s. ex.ª não entendia *patavina*. Ora isto para um acolyto do sr. Serpa é de matar a *serpia* a tiros de gargalhada.

Ao menos o sr. Arroyo sabe o que diz, e diz o que sabe; mas o sr. Bocage nem sabe o que diz, nem entende de cousa alguma. Foi um dos da subscripção, e anda na cóla da pasta do ministerio dos negocios estrangeiros.

Temos pois resolvido o grande problema.

Fallou o sr. Arroyo, e fallou, apesar de se enganar nas contas, mas isso acontece ao mais pintado. Nem sempre 2×2 são=a 4. Podem ser 22 serpios atraz de vinte e duas pastas. Mas se ellas são 7, logo são 3 para cada uma, e 1 fica de quadriga.

Ora então é que o carro d'estado vae bem puchado!

Ha de ter que ver, e que rir quem lá chegar.

Por ora contentemo-nos com a rhetorica do sr. Arroyo, e as calinadas do sr. Bocage em materia de obras publicas. Vá lá que já não é pouco, e o governo continua, porque não póde entregar as pastas a quem não as póde nem saberá dirigir.

Esta é que é a verdade.

DECLARAÇÃO

O nosso respeitavel amigo, e dignissimo presidente da Junta Geral d'este districto, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pinho, pede-nos para lhe publicarmos a seguinte declaração, o que gostosamente fazemos:

> *Amigos redactores.*—Não pude comparecer na sessão da Junta Geral do primeiro do corrente, nem posso assistir á do dia oito por falta de saude; por isso, e para estremar responsabilidades, faço por este meio a declaração de que, se estivesse presente, votaria pela edificação do Lyceu no largo do Terreiro e antigo palacete do sr. Visconde de Almeidinha: se ficasse vencido, faria uma proposta, para que no actual edificio do Lyceu, se elle tivesse as precisas condições de solidez, se levantasse um terceiro andar adaptado para o serviço de Lyceu, collocando-se no primeiro e segundo as outras repartições publicas.
>
> Parece-me que este alvitre importaria para o districto uma importante economia, com que se podesse, sem crear novos encargos, subsidiar a exposição agricola, e crear o Asylo-Escola para os expostos, annexando-lhe o de José Estevão, o que tambem approvaria.
>
> Jafafe, 6 de abril de 1888.
>
> *José Joaquim da Silva Pinho.*

Vê-se que este distincto advogado e benemerito cidadão, a cujos meritos de intelligencia e de caracter todos fazem justiça, entende que o novo edificio districtal, que a junta geral vae construir no Largo do Terreiro e nas ruinas do antigo palacete do visconde de Almeidinha, devia ser destinado ao lyceu nacional, ficando as repartições publicas no edificio onde actualmente o lyceu funcciona. Os que encaram esta questão sem preconceitos locaes, são do mesmo parecer. Todos, porém, comprehendem e fazem justiça aos motivos que determinaram a Commissão Districtal a propôr á Junta, o que ella approvou,—que esse novo edificio fosse antes destinado ás repartições publicas, continuando o lyceu no edificio em que está.

O que é essencial, o que é urgente, como sempre aqui sustentámos, é que se separem as repartições publicas do lyceu, porque não pódem funccionar conjunctamente no mesmo edificio, como até agora. Ora desde que alguem, com boa ou má intenção, com ou sem proposito partidario, se lembrou de dizer que tirar o lyceu do seu actual edificio significava um ultraje á memoria de José Estevão, a Commissão Districtal, que, por si e pelo partido a que pertence, se presa de venerar mais essa memoria do que alguns d'esses posthumos e serodios *amigos* do grande tribuno, nem sequer quiz deixar correr semelhante insinuação, por muito calumniosa ou absurda que ella fosse. Assim, com aquella deliberação da junta geral, sempre se realisa um incontestavel melhoramento districtal, e conseguem-se mais dois fins: por um lado, respeitam-se os preconceitos sinceros dos que de boa fé entraram n'esta questão; por outro lado, quebra-se nas mãos dos malintencionados a unica arma com que suppunham ferir o benemerito iniciador d'aquella obra, e estorval-o no caminho que tão patrioticamente encetou.

Fez muito bem, porém, o sr. dr. Pinho em deixar consignada a sua respeitavel e authorisada opinião.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Na quinta-feira estiveram em Aveiro os nossos illustrados amigos, os srs. Francisco Barbosa do Couto Cunha Sottomayor, benemerito presidente da camara municipal de Estarreja; dr. Dyonisio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, dignissimo administrador do mesmo concelho, com sua ex.ma esposa; Sebastião Pereira da Cunha Sotomayor, muito digno escrivão de fazenda d'Estarreja; e dr. Bernardo Faria de Magalhães, dignissimo administrador do concelho de Oliveira do Bairro.

— Esteve em Aveiro, mas retirou ante-hontem, o nosso respeitavel amigo, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pinho, dignissimo presidente da junta geral, distincto advogado, presidente do centro progressista do concelho de Agueda, e um dos cavalheiros mais considerados e bemquistos do nosso districto.

— Vieram na quarta-feira a esta cidade os nossos illustrados amigos, o sr. commendador Joaquim Augusto Rodrigues da Silva, dignissimo reitor de Sôza, e o sr. Joaquim Alvares Mourão Botelho de Magalhães, dignissimo administrador do concelho de Vagos.

— Fez annos na proxima passada quinta-feira, 6 de abril, o applicado academico sr. Francisco Augusto Regalla, filho mais velho do nosso prestante amigo, dr. Regalla, e um distincto quintanista do lyceu d'esta cidade. Os nossos mais sinceros parabens.

— Hontem fez annos tambem uma das gentis filhinhas do nosso dilecto collega, dr. Barbosa de Magalhães, de nome Maria da Arrabida. Parabens.

— Foi ao Porto o nosso illustrado amigo, o sr. Eça Leal, dignissimo inspector de fazenda d'este districto, e distincto escriptor.

— Regressou hontem do Porto á sua casa da Oliveirinha o nosso illustre amigo, e benemerito deputado, o sr. dr. Castro Mattoso.

— Esteve hontem em Aveiro, com sua ex.ma espoza e filhas, o nosso bom amigo o sr. dr. Alexandre de Souza Mello, muito intelligente, illustrado e integerrimo juiz de direito da comarca de Mangualde.

— Esteve aqui ante-hontem o sr. Manuel Augusto Pinto de Vasconcellos, activo e intelligente escrivão de fazenda no concelho de Cambra.

Transferencia e substituição.—Saiu hontem para Lisboa, onde vae desempenhar outra commissão de serviço publico, o sr. major Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, que foi aqui commandante do corpo de reserva. Deixa saudades e excellente nome, o digno official que se ausentou, e cremos poder affirmar, que em toda a parte ha de adquirir respeitos e sympathias quem procede tão séria, tão grave e tão cavalheiramente como o digno official que saiu.

O sr. major Galhardo foi substituido na commissão que aqui desempenhou pelo sr. João Pereira da Silva, capitão de infanteria 23, de cujo caracter temos as melhores e mais honrosas informações.

Transferencia.—O nosso bom e presado patricio e amigo o sr. Antonio José de Sá, que com muita competencia estava dirigindo as obras publicas no districto de Castello Branco, foi transferido para o districto da Guarda, por serem alli precisos os serviços da sua intelligencia e da sua actividade.

Mais.—A seu pedido, foram reciprocamente transferidos os meritissimos juizes municipaes de Vagos para Albergaria, o sr. dr. Ruy Couceiro da Costa, e de Albergaria para Vagos o sr. dr. Luiz Duarte Sereno.

Posse.—Já tomou posse ha dias da escrivaninha de fazenda d'este concelho, para onde a seu pedido foi transferido de Leiria, o nosso amigo, o sr. José Luiz Ferreira Vidal Junior, activo, intelligente e probo funccionario.

Sentimos.—Acha-se ainda doente na sua casa do Rodolho, Agueda, o sr. conego Manuel Homem de Macedo da Camara e Motta. Sentimos que s.ª ex.ª continue a passar incommodado, com quanto não seja de gravidade, e fazemos votos pelo prompto restabelecimento do nosso estimavel amigo e confrade.

Fallecimento.—Depois de muitos mezes de soffrimento, agora, quando menos se esperava, falleceu o nosso bom e respeitavel amigo, e dedicadissimo correligionario, o sr. José dos Santos Gamellas, vice-presidente da camara municipal d'este concelho, abastado proprietario, acreditado negociante, um dos quarenta maiores contribuintes, e caracter tão nobre, tão respeitado e tão bemquisto, que a noticia da sua morte causou profunda e geral consternação na cidade.

E' irreparavel a sua falta na politica local, onde occupou sempre o logar distincto d'um combatente leal e decidido, na administração municipal, a que prestou relevantes serviços, e no seio da sua familia onde era idolatrado.

Acompanhamos todos os seus, e especialmente seu filho o nosso bom amigo o sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, digno successor da acreditada firma commercial Gamellas & Filho, e a seu genro e nosso illustrado amigo, o sr. dr. José Rodrigues Soares, digno professor do lyceu, na sua dôr profunda.

Luto.—Está de luto uma familia respeitavel. O sr. Augusto Baptista da Cunha, irmão do sr. arcebispo de Mythilene, deixou d'existir. Sobre o successo, que verdadeiramente lamentamos, escreve o nosso presado collega a *Soberania do Povo* o seguinte—que pedimos venia para adoptar como nosso:

> Em a noite de quinta para sexta-feira da semana passada falleceu em Paradella o sr. Augusto Baptista da Cunha, irmão do revd.mo arcebispo de Mythilene e dr. Albano da Cunha. Alumno laureado da escola medico-cyrurgica de Lisboa, alma aberta a todas as grandes ideias generosas, consciencia immaculada, como o diamante sem jaças, e branco como a flôr da magnolia; rapaz de talento a quem a esperança sorria radiosamente no rosicler de uma aurora primaveril, prostrou-o na arena honrada dos valentes luctadores uma phtysica pulmonar que de longe vinha martirisando o nosso infeliz companheiro de trabalhos. A palidez da palavra humana não póde exprimir a toda a altura e com toda a felicidade a saudade que elle deixou na familia que o estremecia e nos amigos que tanto lhe queriam; mas, se o dia d'amanhã não é uma banalidade theologica, acima das larvas do cemiterio, acima do marmore das sepulturas rebrilha esplendidamente o sol glorioso dos intimos affectos que illumina eternamente n'um eterno abraço a alma dos que morrem e a memoria dos que ficam. Presavam-n'o sinceramente quantos o conheciam, correram a prestar-lhe o ultimo testemunho da amizade os que uma vez lhe apertaram a mão ou o estreitaram ao peito. Os srs. drs. João Duarte Sereno e Luiz Duarte Sereno disseram em phrases sentidas á beira da sepultura o ultimo adeus ao antigo condiscipulo, companheiro e amigo, ao mallogrado mancebo que tombou para sempre sem ver realisadas as suas mais queridas esperanças. D'aqui enviamos os mais cordeaes sentimentos á familia do infeliz moço a quem Deus dará a ventura que na terra não logrou ter.

O sr. arcebispo de Mythilene veio acompanhar seus bons paes e irmãos no golpe que os feriu. Sua ex.ª regressa breve a Lisboa.

Obito.—Succumbiu hontem no Porto, aos estragos de uma febre typhoide, a gentil actriz-cantora Thomazia Velloso. A noticia do passamento d'esta formosa mulher, que conhecemos de criança, e que vimos debutar, aos 18 annos, magoou-nos profundamente. Acompanhamos sua infeliz mãe na dôr que tão descaroavelmente feriu o seu bello coração.

Finamento.—Finou-se hoje, n'esta cidade, a sr.ª D. Angela Marques de Figueiredo Resende, viuva do fallecido sr. João Resende, que tão conhecido foi aqui e no Porto, onde por muito tempo rezidiu e onde se finou. Familia que viveu na abastança de meios fina-se na mais completa penuria!

A's boas almas d'esta cidade recommendamos os restos d'esta familia, que são ainda tres pobres senhoras, septuagenarias todas, doentissimas, no leito da dôr e na mais plena falta de recursos. A' caridade pois d'aquelles a quem a dôr da desgraça ainda affecta, pedimos que mandem alli o seu obulo. E' acto bom, e é dever.

Administração districtal.—Publicaremos no n.º seguinte o notavel e interessante relatorio apresentado á Junta Geral d'este districto pela Commissão Districtal, sua delegada, na actual sessão ordinaria. E' um trabalho importante, que deve ser lido por todos os que tomam sincero interesse pelas cousas do districto, e que demonstra bem o que esta circumscripção administrativa deve á zelosa, activa, intelligente, e proba gerencia da actual commissão executiva. Não fazendo retaliações, mas confrontos, basta dizer que no tempo da administração regeneradora a percentagem do imposto districtal era de 13 p. c., e hoje é sómente de 6—menos de metade; os regeneradores empenharam o cofre do districto em perto de 200:000$000 reis, e os progressistas não contrahiram ainda, nem precisam de contrahir emprestimo algum; e no entanto, de ha dois annos a esta parte, a Junta Geral tem construido á sua custa muitas leguas de estradas districtaes; tem pago pontualmente os pezadissimos encargos dos emprestimos anteriores, que excedem a 12:600$000 reis por anno; tem subsidiado largamente o *Azylo de José Estevão*; concorreu para as obras do novo quartel de Sá; tomou a maior parte nas despezas da recepção de suas magestades; augmentou a dotação dos serviços pecuarios do districto; criou e mantém o corpo de policia civil, e tem meios para construir, como já deliberou, um novo edificio para o governo civil, para subsidiar a exposição agricola, e para criar um Azylo-Escóla de artes e officios para os expostos e crianças desvalidas e abandonadas do districto. Isto é eloquente. Contra isto é que não valem calumnias nem aleivosias.

Melhoramento importante.—Pela direcção das obras publicas do districto, já se está procedendo ao projecto e orçamento do alargamento da rua da Costeira, d'esta cidade, que faz parte da estrada districtal n.º 54 A de Aveiro a Cantanhede. Mais um melhoramento importantissimo, com que a situação progressista vae dotar esta terra. E' assombrosa a actividade desenvolvida n'estes ultimos tempos em obras publicas n'este districto, e grandissima a utilidade que resulta de todas essas obras. Por isso é bem merecida a gratidão consagrada ao nobre ministro das obras publicas, e justissimo o voto de profundo reconhecimento que a Junta Geral lhe consignou na acta da sua ultima sessão.

Denominação de ruas.—A camara municipal d'este concelho, n'uma das suas ultimas sessões, desejando manifestar d'uma maneira solemne e perduravel o profundo reconhecimento de Aveiro aos eminentes homens publicos que n'estes ultimos tempos a tem engrandecido com todos os melhoramentos moraes e materiaes de que precisava, e de cuja dedicação civica ha muito ainda a esperar, deliberou dar a diversas ruas da cidade as seguintes denominações:

A' rua, que vae da Praça do Pescado até á curva do Esteiro de S. Gonçalo, pelo lado do Rocio—*Rua Emygdio Navarro.*

A' antiga rua da Alfandega—*Rua Castro Matoso.*

A' rua que vae da Arrochela á Ponte da Dobadoura, no bairro do Conselheiro Queiroz—*Rua José Luciano de Castro.*

A' rua que vae da Ponte do Cojo á Praça da Princeza Amelia—*Rua Bento de Moura.*

A' rua que vae do Quartel de Sá á Capella da Senhora da Alegria—*Rua Sanches de Castro.*

A' rua que vae da ponte da Dobadoura á frente do Matadouro Municipal—*Rua Marianno de Carvalho.*

A' rua que vae da Capella dos Santos Martyres á frente do mesmo Matadouro—*Rua Henrique de Macedo.*

A justiça d'esta manifestação é evidente.

Questões de Direito Civil e Commercial.—O nossa intelligente amigo o sr. dr. João Bernardo Heitor de Athayde, distincto licenciado em direito, socio effectivo do *Instituto*, professor de direito canonico no Seminario, e habil advogado nos auditorios de Coimbra, acaba de publicar com este titulo o primeiro d'uma série de opusculos sobre difficeis problemas de direito civil e commercial. Tracta este primeiro volume da responsabilidade das obrigações contrahidas por um dos conjuges nos differentes regimens de casamento; e com tanta proficiencia e erudição discute este importante ponto juridico, que prestamos um relevante serviço aos estudiosos recommendando-lhe este livro como um dos melhores da bibliographia juridica do paiz. O sr. dr. Athayde já é muito conhecido nas lettras patrias pelos seus importantes trabalhos sobre philosophia e jurisprudencia, e não precisa portanto que lhe digámos que é um distincto escriptor, que cada vez corrobora mais os seus merecidos creditos de erudito, intelligente, e estudioso. Agradecemos o exemplar que nos offereceu.

José Estevam.—Termina hoje no Arsenal, em Lisboa, a fundição da estatua do grande tribuno José Estevam Coelho de Magalhães, que vae ser erigida n'esta cidade.

Posto hypico.—Partiram hoje do deposito central d'esta cidade para Arouca os reproductores *Lenestron* e *Almansor*, dois cavallos de muito valor e de differentes raças. Era o unico posto que ainda não estava montado, e que deve começar a funccionar na proxima segunda-feira. Os cavallos pernoutam hoje em Oliveira d'Azemeis e chegam ámanhã a Arouca.

Te-Deum.—Na Sé Cathedral d'Evora, houve na quarta-feira um solemne *Te-Deum* promovido pelo rev. arcebispo e pelos srs. governador civil e general de divisão, em acção de graças pelas melhoras de S. M. el-rei. A concorrencia foi grande, tendo comparecido todas as authoridades e funccionarios publicos e achando-se representados todos os corpos da 4.ª divisão militar.

Para as victimas.—Continua aberta a subscripção no escriptorio do sr. Antonio Pereira, Junior, a qual se achava hontem nos seguintes termos:

Transporte	150$400
Anonyma	$200
Luiz Pereira do Valle	$500
Francisco de Pinho Guedes Pinto	1$000
Anonymo	$500
Francisco Rodrigues da Graça	1$000
Joaquim Antonio dos Reis	1$000
Firmino de Souza Huet	1$000
Dr. Manuel Joaquim Massa	2$000
José Joaquim d'Oliveira	1$000
Manuel Gonçalves de Figueiredo	1$500
Anonymo	$500
Jeronymo B. Coelho	2$250
Dr. Alberto Leitão	1$000
Manuel Maria de Saldanha	1$500
Antonio Maria dos S. Freire	$500
Anonymo S.	2$000
P.ª Jorge de Pinho Vinagre	1$500
Antonio Cardoso d'Azevedo	1$000
Manuel Dias dos Santos Ferreira Junior (Costa do Vallado)	1$000
Somma	172$350

Subscripção.—A que o sr. Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, abriu na sua freguezia a favor das familias das victimas do theatro Baquet, estava hontem nos seguintes termos:

Transporte	8$090
Delfim Pereira Lemos	$160
Dr. João Eduardo Nogueira e Mello	$500
Francisco A. Nogueira Souto	$200
Caetano Pereira de Souza	$500
Manuel Tavares Pereira	$500
João Rodrigues Caetano	$200
Anonymo	$100
Joaquim Marques da S. Mello	$500
Somma	10$750

Fallecimento.—Falleceu em Valle Passos o recebedor d'aquella comarca sr. João de Souza Gavaia.

Tempo.—Continúa frio e humido. Apesar d'isso os lavradores não cessam de applicar a sua actividade no adiantamento das lavouras temporaes, que póde bem dizer-se que ficam concluidas na proxima semana.

Mercado de gado.—Tem tido agora mais procura o gado bovino gordo. O que por ahi havia em boas condições d'engorda tem sido comprado todo para Lisboa, e tão importante tem sido a sahida e em tal escala, que algum do gado empregado na lavoura das terras, e que por isto ainda anda no serviço, já está vendido, devendo seguir para o seu destino quando tenha completado o serviço de seus donos—quando tenha completado o trabalho das lavouras temporans.

Perdôo-lhes para que Deus me perdoe.—Tão unctuosas e angelicas palavras pronunciou a rainha de Hespanha na sexta-feira santa, na Capella dos Reis, á ceremonia da Adoração da Cruz, quando em meio de um grande silencio, lhe perguntou o mestre da capella, D. Hilario Blanco—*Senhora, perdôa Vossa Magestade a estes réos?*

E a rainha com voz tremula e commovida: *Perdôo-lhes para que Deus me perdôe!*

Foi profunda a impressão perante o accento d'essas tão simples e, afinal, triviaes palavras.

O alimento de gallinhas.—E' uso em França alimentar as gallinhas, e particularmente os pitinhos com sangue bovino, e affirmamos aos nossos leitores que é possivel por essa fórma dar aos frangões um vigor e corpulencia na verdade surprehendentes. A gallinha alimentada com sangue de boi põe muito mais ovos e esses fecundam em maior numero. Secca-se o sangue, sendo preferivel o que se obtem logo depois de abatido o animal, n'uma estufa ou forno, e quando está bem secco reduz-se a pó, misturado em seguida com farinha de milho, trigo ou cevada, mette-se novamente no forno e reduz-se depois a pó grosso. Uma parte d'este pó com tres partes de comida ordinaria fórma um alimento superior.

Publicações.—Recebemos as que abaixo mencionamos, e que agradecemos:

— OS ANTROS DE PARIS, fasciculo n.º 14, maravilhosa obra editada por David Corazzi.

— OS DRAMAS D'AFRICA, de Leite Bastos, revista, anotada e desenvolvida por Gervasio Lobato e Jayme Victor, fasciculo n.º 11, edição de David Corazzi.

— MARILIA DE DIRCEU, da *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna*, n.º 6, de Thomaz Antonio Gonzaga, e pertencente tambem á casa Corazzi, de Lisboa.

— O INFERNO, de Dante, com illustrações de Gustavo Doré, fasciculo n.º 11, obra magnifica da livraria editora de David Corazzi.

A caridade da rainha.—Sua Magestade a rainha continua a preoccupar-se vivamente com a sorte das victimas do Baquet que tomou sob a sua protecção.

Ao governador civil do Porto mandou escrever pelo sr. conde de Mossamedes, dando-lhe as seguintes minuciosas instrucções.

Quer que a filha de Antonio Rocha, de que se prontificou a ser madrinha, se chame Maria Luiza. El-rei será padrinho.

Quer tambem que para a creança e para a ama se comprem as roupas necessarias, correndo todas as despezas por conta de Sua Magestade, que, além d'isso, estabelece á sua afilhada uma prestação mensal de 9$000 reis.

A mesma carta communica que Sua Alteza o infante D. Affonso resolveu ser padrinho do filho de João Pinto Ferreira, que ainda está por baptisar, sendo madrinha a rainha. Para esta creança, como para a outra, serão compradas as roupas necessarias por conta de Sua Alteza, que lhe estabelece tambem uma prestação mensal de reis 9$000. Chamar-se-ha Affonso Henriques.

O sr. governador civil é encarregado de dar immediato cumprimento a todas estas disposições, recommendando muito particularmente, que se proceda sempre de accordo com as pessoas que caridosamente se prestaram a receber os infelizes por occasião do sinistro.

Exemplo para ser imitado.—Foi enviado ao camarista de semana de sua magestade el-rei o officio seguinte:

Ill.mo e ex.ma sr.—De ordem de sua magestade tive a honra de ser convidado, na qualidade de provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, para a reunião celebrada no real paço da Ajuda, e que teve por fim promover donativos e subscripções a favor das victimas do horrivel sinistro, que enlutou a heroica cidade do Porto. Não compareci, mau grado meu, por me achar enfermo, mas soube pela imprensa quanto a caridosa e patriotica iniciativa de suas magestades foi unanimamente acclamada.

A Misericordia acode a todas as miserias, acompanhando o infeliz desde o berço até á sepultura; n'esta admiravel e nacional instituição a desgraça nas suas diversas manifestações encontra sempre abrigo e soccorro! Não è em vão que a Santa Casa inscreve no frontispicio das suas salas as consoladoras palavras—*pulsate et aperietur vobis.*

Hoje sua magestade el-rei, tão nobremente secundado pela caridade inexhaurivel da augusta rainha a senhora D. Maria Pia, que mais uma vez quiz juntar as suas lagrimas ás lagrimas dos filhos do povo, dá e implora o obulo, que ha de levar a possivel consolação ás victimas, salvas do desastroso incendio, permittindo, se algum dinheiro sobrar, a fundação de um instituto, destinado a valer no futuro a desgraças identicas e analogas. A Santa Casa abre tambem as suas portas ao brado levantado pelos generosos soberanos portuguezes, e se a rainha fundadora da Misericordia remediou muitos males, que affligem a humanidade, estes que são immediatos a uma grande catastrophe, mais de prompto devem ser attendidos.

A mesa, a que tenho a honra de presidir, inspirando-se d'estes justos sentimentos, põe á disposição de suas magestades a quantia de um conto de réis, com que subscreve como esmola a Misericordia de Lisboa, e que será pago na thesouraria d'esta Santa Casa a quem el-rei houver por bem ordenar.

A administração roga a v. ex.ª se digne fazel-o assim constar a suas magestades.

Deus guarde a v. ex.ª, Santa Casa da Misericordia de Lisboa, em 28 de março de 1888.

Ill.mo e ex.mo sr. camarista de semana de sua magestade el-rei.

O provedor
Marquez de Rio Maior.

Amnistia.—O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto:

«Usando da faculdade que me confere o artigo 74.º, § 8.º da carta constitucional da monarchia, e tendo ouvido o conselho d'estado: hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º E' concedida amnistia geral e completa para todos os crimes contra o exercicio do direito eleitoral, e em geral para todos os crimes de origem ou caracter politico commettidos até á data do presente decreto, exceptuando-se aquelles de que resultou homicidio ou alguma das lesões mencionadas no codigo penal, artigos 360.º, n.º 5, e 361.º

Art. 2.º Todo o processo que por taes crimes tenha sido formado fica sem effeito, seja qual fôr o estado em que se ache, e todas as pessoas que estiverem presas á ordem de qualquer auctoridade, com processo ou sem elle, serão immediatamente soltas.

O presidente do conselho de ministros e os ministros e secretarios d'estado das diversas repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 26 de março de 1888—REI.—José Luciano de Castro, Francisco Antonio da Veiga Beirão, Marianno Cyrilo de Carvalho, Visconde de S. Januario, Henrique de Macedo, Henrique de Barros Gomes, Emygdio Julio Navarro».

Arcebispo de Gôa.—Consta que o sr. arcebispo de Gôa, sahirá por estes dias de Bombaim em direcção á Italia. Depois de visitar o Papa, s. ex.ª rev.ma virá passar alguns mezes em Lisboa.

Theatros iluminados a luz electrica.—Em 1879 foi installada a illuminação electrica nos theatros do Chatelet em Paris, de Bellecour em Lyon, Albert-Hall e Gaité em Londres.

Em 1880 applicou-se ao hyppodromo de Paris, aos theatros de Bordeus e Clermont, á Opera de Paris.

Em 1887 ao circo d'Amsterdam, ao theatro Lafayette de Rouen, ao Alhambra le Londres, ao theatro real de Turin, ao Savoy-Theatre de Londres.

Em 1882 ao Eden theatre, theatro da *Monnaie* de Bruxellas, theatros do Principe de Galles, da Côrte e d'Alexandre em Liverpool, Scala de Milão, Corlo Felix de Genova, theatro do Parque em Boston, Walluck e Masion Square de Nova-Pork, theatro real de Malta, de Brun em Moravia, de Korrh em Moscovia, Philarmonico de Londres, Variedades em Paris, Pittsburgo na America, theatros imperiaes de Petersburgo, de Deudsburry e Chuter na Inglaterra, do Parque em Bruxellas, Skating em Paris.

Em 1883 nos theatros imperiaes de Berlim, reaes de Madrid, nacional de Buda-Pesth, real d'Edimburgo, da côrte em Dresde, theatro de Praga, de Manoni em Milão, de Stuttgart, Opera de Vienna, Eden Theatre de Paris.

Algumas d'estas installações foram apenas de ensaio; mas desde então a grande maioria tem-se tornado definitiva. O systema mais adoptado, e de resultados mais seguros, é o Edison.

Entre nós ha apenas o theatro de S. Carlos, onde se iniciou a luz electrica em 1886.

Modas.—Do ultimo numero do *Mundo Elegante*, excellente jornal de modas que se publica em Pariz e de que é editor o sr. Antonio de Souza, extractamos o seguinte:

«O successo das gentis leitoras, na presente semana, será com certeza a elegante e seductora capota *Forget me not*, modelo e propriedade exclusiva do nosso jornal, creada expressamente para as suas assignantes. Não se póde desejar nada de mais elegante e seductor.

A capota *Forget me not*, pela sua disposição especial, pela phantasia dos seus enfeites e guarnições, póde usar-se com qualquer *toilette* que se deseje, o que se torna verdadeiramente apreciavel.

Os chapeos apresentam as mais variadas phantasias e são na epocha actual o maior enthusiasmo das elegantes. As fôrmas Tosca, Directorio, Diadema e Imperio, estão na ordem do dia, seguindo-se-lhes um sem numero de outros modelos não menos *coquettes* e adoraveis, rivalisando entre todos o genero capota.

Uma das grandes novidades em chapeos e de que tive occasião de ver em casa do fabricante e inventor adoraveis modelos, é a capota completamente feita de flores, phantasia adoravel e de um gosto extraordinario e surprehendente. A sua belleza é incontestavel, dando á cabeça o encanto de um pequenino e adoravel jardim. Fundo, aba, tudo emfim que pertence a um chapéu, é realisado em flores. Um dos modelos que tive occasião de admirar era todo effectuado em amores perfeitos e saudades, outro em rosas e lilazes, outro em jacinthos e sempre-vivas e o ultimo em flores campestres.

Infelizmente para muitas senhoras essa adoravel phantasia é um pouco dispendiosa, o que não lhes permitte a acquisição, e assim ver-se-ha figurar apenas sobre essas cabecinhas a quem a Providencia concedeu o titulo de ricas.

Os inolvidaveis *jerseys*, este lindissimo artigo que faz a delicia de todas as senhoras, apresenta-se mais encantador do que nunca. A moda caprichou em o apresentar com toda a sua elegancia e eis que elle nos surgem agora verdadeiramente adoraveis. Os que tive occasião de ver de maior luxo são extraordinarios de belleza, ricamente bordados a *soutache* e a vidrilhos na mais seductora phantasia.

Com destino a uma elegante e gentil menina residente no Porto, adquiri um modelo que póde considerar-se um verdadeiro encanto de seducção e riqueza. Effectuado em malha azul e bordado á mão com vistosos desenhos a ouro nas costas, frentes, mangas, etc., é de um effeito surprehendente. A encantadora joven a quem esse *jersey* é destinado não ha-de arrepender-se de ter deixado a escolha ao bom gosto do «Mundo Elegante,» como já tem procedido por outras vezes, e tenho a certeza tambem que entre todas as senhoras portuenses nenhuma apresenta artigos mais elegantes e seductores.

Com destino á mamã da referida menira, envia o nosso «Mundo» um outro *jersey* em malha preta completamente bordado a *soutache*, apresentando o mesmo desenho do que vai bordado a ouro para a sua encantadora filha.—*Blanche de Mirebourg.*»

Modas para homens.—Da correspondencia de Pariz para o «Elegante», jornal de modas para homens, extractamos o seguinte periodo:

«Com o mau tempo que tem feito, não é de admirar que ainda estejam por apparecer as novidades da estação Entretanto já se sabe que as sobrecasacas, os fraques e os *vestons* n'esta primavera serão justos, pouco compridos e meio abertos na frente. Em compensação as calças hão-de ser, como no inverno, um tanto largas na perna e estreitas em baixo—o qual dará aos seus possuidores um aspecto de official de cavallaria. Para colletes sempre direitos e abertos em proporção ao virado dos fraques, sobrecasacas e *vestons*, prevalecem os padrões de côres lisas ou em quadrados de phantasia. Os sobretudos, leves, direitos e forrados de seda, são um accessorio indispensavel nos vestuarios primaveris. Perdão; hão-de ser não são ainda, porque até agora, em vez de sobretudos leves, as *doubles capes*, ulstres e os grossos paletots de pelles é que andam em aturado serviço.»

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 3 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 22 dignos pares.

Acta approvada.

Os srs. conde de Castro e ministro da guerra trocaram explicações sobre as providencias a tomar para soccorrer os naufragos.

O sr. Camara Leme levantou outra vez o incidente sobre o traçado da linha de Cascaes, dizendo que o sr. ministro da guerra com o sr. ministro das obras publicas descuraram o parecer da commissão de defeza nacional sobre a collocação da estação de Coxias.

Sobre o incidente fallaram os srs. ministro das obras publicas, Hintze Ribeiro e ministro da guerra.

O sr. Vaz Preto interrompeu o sr. ministro da guerra, dizendo que a Companhia do Norte e Leste fazia quanto queria.

O sr. ministro da guerra replicou, dizendo que só aleivosamente o podiam censurar.

O sr. Vaz Preto pediu a palavra.

O sr. ministro da guerra declarou que não queria offender nenhum digno par, mas que tinha a consciencia de ter cumprido com o seu dever.

A camara resolveu em seguida que não continuasse o incidente; mas sobre elle inscreveram-se para ámanhã muitos oradores.

ORDEM DO DIA

Interpellação do digno par sr. Barbosa du Bocage ao sr. ministro das obras publicas ácerca do caminho de ferro do Algarve e ligação de Vendas Novvs e de Santarem.

O sr. Barbosa du Bocage censurou o procedimento do governo, fazendo longas considerações afim de provar que elle foi incorrecto. Fallou toda a hora.

Foram approvadas as contas da administração da camara dos dignos pares.

—

Sessão de 4 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1/2 horas da tarde.

Presentes 20 dignos pares.

O sr. Carlos Testa fallou contra as touradas que taxou de divertimento selvatico e pediu que a respectiva commissão désse o seu parecer sobre o projecto que elle apresentára, abolindo-as.

Foram agregados á commissão de legislação os srs. Teixeira Queiroz, e Navarro de Paiva.

O sr. conde de Castro propoz o alvitre de haver na sala das conferencias da camara todos os jornaes politicos, com os quaes se póde trocar o Diario das sessões.

ORDEM DO DIA

Continuação da diseussão sobre a interpellação ácerca do caminho de ferro do Algarve

O sr. ministro das obras publicas defendeu os termos em que fôra feita a concessão do caminho de ferro, enumerando os encargos que foram impostos á empreza concessionaria.

Replicou-lhe o sr. Barbosa du Bocage, que fez varias considerações contra a concessão, e como désse a hora ficou com a palavra reservada.

O sr. Telles de Vasconcellos censurou o despacho nomeando professores para o liceu da Guarda,

O sr. presidente do conselho explicou o seu procedimento.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 2 de abril

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e meia da tarde. Presentes 50 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. presidente disse que S. M. el-rei recebera com agrado a deputação que o fôra felicitar por occasião das festas da Paschoa, e declarou que a commissão agradecera a SS. MM. a sua iniciativa em favor das victimas de incendio do theatro Baquet.

Foi approvado um voto de sentimento pela morte do ministro da Allemanha.

O sr. Francisco Machado apresentou uma representação da Associação de Beneficencia do Coração de Jesus, de Guimarães, pedindo a concessão do convento de Santa Rosa de Lima.

O sr. Ferreira de Almeida mandou para a meza um projecto de lei estabelecendo uma pensão aos alumnos marinheiros que ficarem inutilisados pelo trabalho por desastre occorrido em serviço do Estado; e outro creando estações de soccorros para os naufragos.

O sr. Franco Castello Branco trocou varias explicações com o sr. ministro da fazenda ácerca do serviço de contrastaria em Guimarães.

O sr. Oliveira Mattos referiu-se ao naufragio occorrido em Caminha.

O sr. João Arroio perguntou ao governo se estava resolvido a contrair um emprestimo para a construcção da rede de estradas projectadas.

O sr. ministro da fazenda respondeu negativamente.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão do projecto de lei n.º 23 sobre o regimen dos tabacos.

O sr. Vicente Monteiro classificou de intriga politica o boato propalado de que havia desharmonia entre os srs. ministro da fazenda e presidente do conselho, na questão dos tabacos.

Elogiou o regimen da *régie*, dizendo que o Estado colherá lucros muito superiores aos que por outro qualquer regimen os particulares poderiam auferir.

Disse que foi para fazer boa administração que o governo déra participação de lucros aos membros do conselho administrativo. Segundo julga, os balanços das fabricas nem sempre correspondiam á verdade, o que demonstrava que os lucros da *régie* podem vir a ser superiores aos que geralmente se julga.

O sr. João Arroio, respondendo-lhe, censurou esta ultima declaração, dizendo que o governo, a ella ser verdadeira, deveria proceder contra os directores das fabricas. Disse que considerava a *régie* como a ruina da industria dos tabacos e que duvidava da importancia dos lucros que por esse regimen se poderiam obter. Ficou com a palavra reservada.

Sessão de 3 de abril

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e meia da tarde.

Presentes 59 srs. deputados.

Acta approvada.

Os srs. Jacintho Candido e ministro da marinha trocaram explicações sobre as estações de soccorros aos naufragos, dizendo o sr. ministro que providenciaria.

O sr. João Arroio perguntou se a noticia publicada no *Diario Popular* de hoje, sobre o levantamento de um emprestimo, por meio de loteria, para a construcção de estradas, era exacta.

O sr. ministro da fazenda disse que effectivamente havia negociações entaboladas a esse respeito, mas que ainda não havia contracto.

O sr. Franco Castello Branco pediu a remessa de documentos relativos ao rendimento da alfandega, afim de reconhecer se augmentou ou diminuiu com a nova pauta.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão do projecto de lei n.º 23 sobre o regimen dos tabacos

O sr. João Arroio, continuando no uso da palavra que lhe ficára reservada, sustentou que as difficuldades do regimen da *régie* hão-de apparecer quando a lei fôr executada.

Disse que o projecto era favoravel, principalmente aos contrabandistas, e fez largas considerações a este respeito, fallando toda a hora.

—

Sessão de 4 de abril

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 79 srs. deputados.

O sr. Serpa Pinto tratou da questão do traçado de Cascaes e da incompatibilidade ministerial, dizendo que o sr. ministro da guerra exerce um logar no conselho fiscal na Companhia dos caminhos de ferro do Norte e Leste e approvará o traçado.

O sr. ministro da guerra disse que o traçado não era militar e por isso não lhe impozera condições militares.

Quanto á questão de incompatibilidades disse que o seu logar no conselho fiscal já lhe estava garantido anteriormente á approvação do traçado; e declarou que não respondia a accusações que podiam pôr em duvida a independencia do seu caracter.

O sr. João Arroio requereu para que a discussão fosse generalisada.

A camara regeitou, o que deu logar a que se estabelecesse um principio de tumulto, findo o qual o sr. Serpa Pinto usou da palavra, dizendo que não duvidava da independencia de caracter do sr. ministro da guerra, mas que queria proporcionar-lhe a occasião de dar explicações plenas sobre o seu procedimento.

Como o sr. João Arroio estivesse inscripto para antes da ordem do dia usou da palavra, dizendo que acima de todas as explicações estavam os factos e que entendia que o sr. ministro da guerra devia confessar que praticára um acto imprudente ou então sair do ministerio.

O sr. presidente disse que ia entrar na ordem do dia, o que deu logar a protestos da opposição.

Restabelecida a ordem, o sr. presidente deu a palavra ao sr. João Arroio sobre a ordem, mas este sr. deputado pediu para que a sessão fosse interrompida por dez minutos afim de descançar, pois estava muito fatigado. Foi concedido.

Reaberta a sessão passou-se á

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão do projecto de lei n.º 23 sobre o regimen dos tabacos

O sr. João Arroio, continuando no uso da palavra, que lhe ficára reservada da sessão anterior, combateu o projecto, especialisando as causas geraes e especiaes que produziriam a depreciação de valores para o Estado quando vigora-se a *régie*.

Fallou toda a hora.

SECÇÃO AGRICOLA

CHRONICA DE MARÇO E FACTOS DIVERSOS

(Continuação)

Logo em seguida plantam-se, ou melhor, semeiam-se, estes olhos ou estacas-ssmentes, assim preparadas, n'um terreno ligeiro, muito bem adubado com estrumes organicos, bem decompostos, e terriço, de modo que os olhos fiquem apenas cobertos com uma ligeirissima camada de areia ou de terriço, mas aflorando á superficie do solo.

E' indispensavel regalos todos os dias com um regador de raro muito fino, de modo a manter constantemente no germen da nova planta uma certa frescura.

Logo que as estacas-sementes lançam raizes (em julho ou agosto) pódem transplantar-se, com todo o cuidado, para um terreno egualmente bem preparado e ligeiro, dispondo-se a maiores distancias e ahi se conservam até ao outomno, regando-as sempre regularmente.

Observando todos os cuidados, devem vingar 9 decimos dos olhos plantados, que chegam a dar varas, que no anno seguinte podem ser enxertadas.

A pratica dos viveiristas americanos tem demonstrado que as estacas-sementes precisam, nas primeiras tres semanas da plantação, uma temperatura de 5 a 10 graus, elevando depois, pouco a pouco, até 18 graus. Quando os olhos rebentam carecem de uma temperatura entre 33° 35° e regas todos os dias.

Para regular estas temperaturas usam de estufins, e por meio d'elles vão habituando as novas plantas ao ar, abrindo-os, pouco a pouco, quando os rebentos attingem o comprimento de 5 a 7 centimetros.

Para conservar sempre no terreno a temperatura conveniente, dispõem a uma certa profundidade uma camada de estrume de curral, o qual, pela fermentação, desenvolve uma certa quantidade de calor. Esta pratica é conveniente e até necessaria em todos os casos. Em quanto aos estufins, pódem dispensar-se nas localidades de temperatura amena e regular, e quando a primavera corre quente e sem geada, mas a maior parte das vezes os abrigos serão necessarios e até indispensaveis.

Eis aqui como os bem conhecidos viticultores americanos M. M. Bush and Meissner, praticam, ha muitos annos, este systema de multiplicação.

As coberturas são simplesmente caixões de madeira ou montes de terra, no fundo dos quaes se deita uma camada de estrume palhoso, de 45 a 50 centimetros de espessura, bem calcado, e em cima uma camada de areia bastante rica ou misturada com terriço ou detrictos organicos, de 25 centimetros de espessura, tudo coberto com uma janella velha ou um caixilho de vidros arranjada de proposito.

Preparadas as estacas-sementes, como acima fica indicado, dispõem-se á distancia de 6 a 7 centimetros umas das outras, em pequenos regos abertos na area, á profundidade de 2 a 3 centimetros; os regos são espessados 8 a 10 centimetros. Em seguida cobrem-se os olhos ligeiramente, com uma tenue camada de areia, que se calca com a mão.

Rega-se amiudadas vezes e, passados poucos dias, os olhos começam a rebentar; quando os novos rebentos apresentam folhas bem formadas, levantam-se frequentes vezes os caixilhos, a fim de habituar, pouco e pouco, as novas plantas a supportar o contacto do ar.

Passados 2 mezes e meio a 3 memezes, as novas plantas são transplantadas das coberturas ou estufins para viveiro, e ahi dispostas a 10 centimetros ou mais umas das outras, na linha, e a 50 centimetros entre as linhas.

O terreno do viveiro deve ser do mesmo modo ligeiro e muito fertil, tanto quanto possivel uma boa terra de jardim. Não devem esquecer as regas até ao fim da vegetação, assim como as sachas que forem necessarias.

Com estas indicações julgamos ter dito aos nossos leitores o indispensavel para os guiar na pratica d'este systema, que nós julgamos extremamente vantajoso para a multiplicação das variedades americanas refractarias ao enraizamento pelos processos de estaca vulgar.

Desinfecção dos bacellos.—Hoje, que não só a invasão phylloxerica, mas muitas outras doenças cryptogamicas accommettem as cepas, não vem fóra de proposito recommendar aos viticultores a desinfecção dos bacellos, quer americanos, quer indigenas, que se mandam vir de outros paizes ou de outras regiões para novas plantações.

Um dos meios mais simples e commodos, que tem sido experimentado por M. Balbiani, Macagno, Couanon e outros, consiste em mergulhar os bacellos em agua quente, a 45 ou 50 graus centigrados, durante dez minutos. Este processo não prejudica as plantas e destroe a phylloxera e os ovos, que possam conter.

Pódem tambem desinfectrr-se os bacellos com dissoluções insecticidas diversas, ou ainda submettendo-os a fumigações de vapores insecticidas, (sulfureto de carbonio, acido cianydrico). São bem conhecidos os estudos do professor Koenig, que faz uso para o mesmo fim dos vapores de acido cianydrico por meio de um aparelho apropriado. Este systema presta-se muito bem á desinfecção dos barbados, que são mais delicados e difficilmente resistem aos outros tratamentos.

Ha em Italia associações de proprietarios, que teem um d'estes apelhos, para servirem á desinfecção de bacellos e barbados de vinha ou d'outras plantas, pertencentes aos associados.

A phylloxera em França.—O illustre director geral da agricultura de França, todos os annos apresenta á commissão superior da phylloxera, um relatorio em que se resumem todos os trabalhos executados no anno preterito e se mencionam as providencias tomadas contra aquella doença das vinhas.

Do ultimo d'estes relatorios, lido na sessão de 17 de fevereiro passado, se vê que a phylloxera existe em 60 departamentos, mas que, apesar das grandes perdas soffridas, a França ainda tem em producção 2 milhões de hectares de vinha; isto é, mais que nenhum outro paiz viticola do mundo.

Os tratamentos administrativos á custa do Estado, teem diminuido, mas a lucta não afrouxa; é que as associações vão substituindo a iniciativa do Estado, de tal modo que, até ao fim do anno passado, havia 764 syndicatos organisados, comprehendendo 25:754 proprietarios para tratar, com a subvenção do Estado, 28:271 hectares, sem que n'aquelle numero se comprehendam as associações constituidas com o duplo fim de fazer pesquizas e tratamentos.

A lucta, porém, não se limita a este movimento associativo; grande numero de viticultores trata de se defender sem esperar pela subvenção do Estado. Até 1887 o sulfureto de carbonio foi applicado em 66:205 hectares, mais 18:990 que em 1886; e o sulfocabornato de potassio em 8:820 hectares, mais 4:361 hectares, sendo para notar que é nos departamentos invadidos ha mais tempo, que este movimento mais se accentua.

(Continúa.)

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 2

Relação dos individuos considerados concorrentes aos officios de justiça.

Diario de 3

Decreto fixando o praso para a organisação do recenseamento eleitoral do corrente anno, no concelho de Alfandega da Fé.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Despacho concedendo á Associação dos bombeiros voluntarios de Braga a protecção honoraria de Sua Magestade el-rei.

Varios despachos administrativos.

Annuncio do numero e importancia das propostas recebidas pura a collocação da 7.ª serie de bilhetes do thesouro a emittir no corrente mez d'abril.

Diario de 4

Decreto approvando as tabellas dos valores medios para as mercadorias nacionaes que forem exportadas durante o 2.º trimestre do corrente anno e para o carvão vegetal no mercado de Lisboa.

Secretaria da camara dos deputados—Representação da Associação de beneficencia do Coração de Jesus, da cidade de Guimarães, pedindo o extincto convencto de Santa Rosa de Lima, para n'elle estabelecer as suas escolas, bibliotheca e officinas.

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

do corpo. As peitoraes dos peixes desprovidos de omoplatas, estão ligadas ás extremidades das claviculas, ou do sternum.

Os *palatinos*, que constituem o systhema ethmoide, são quasi sempre quatro ossos dispostos aos pares em sentido paralello, e por fórma que a extremidade de um d'elles corresponde exactamente á base do outro. A sua forma é muito variavel, segundo as especies. Em alguns são chatos, n'outros ovaes, mas quasi sempre providos de denticulações na sua parte inferior.

O osso *tympanico*, o *jugal* e o *pterygoideu* constituem a *abobada-pterygo-palatina*, na região inferior do craneo. A estructura anatomica d'estes ossos é muito complicada e de difficil apreciação.

O *sternum*, cuja fórma é ordinariamente rhomboide, está situado na região anterior do peito e limita por este lado a cavidade thoraxica. Algumas familias apresentam este osso em forma de triangulo, posteriormente ponteagudo e redondo na parte anterior. A sua disposição dá ao sternum o aspecto de um simples prolongamento do hyoideu.

A *abobada palatino-temporal* é formada por dois unicos ossos, um dos quaes sustenta a dentadura e exerce as funcções de maxilla inferior; e o outro sobe das articulações das maxillas até á cavidade craneana. A maxilla superior compõe-se egualmente de dois ossos, a que se dá o nome de articulares, e que estão collocados paralellamente de cada um dos lados.

Os peixes de esqueleto cartilaginoso não têm apparelho opercular.

O esqueleto osseo divide-se nas partes seguintes: craneo; fossas e cavidades craneanas; maxilla superior; ossos nasaes e supra-orbitarios; abobada palatina ou systema palatino-pterygoideu e temporal; operculares; maxilla inferior; hyoide; raios branchiostegeos; pharingeos; vertebras; costellas; ossos da espadua; barbatanas verticaes; ossos da extremidade superior; ossos do carpo; e raios das extremidades.

A fórma e a consistencia da espadua do peixe é determinada pela *abobada escapularia*, que se acha situada na parte posterior dos operculos. Esta abobada está intimamente ligada aos ossos da segunda ordem a contar do ponto occupado pelo *super-occipital* e é formado por tres peças distinctas: o *supra-escapulario*, o *escapulario*, e os *humeraes*.

A primeira occupa a parte superior da abobada e está intimamente ligada á corôa exterior por uma das suas extremidades, e pela outra á corôa cervical intermedia. A segunda não é commum a todas as especies, que compõem o quinto ramo dos vertebrados. Muitas apresentam-se desprovidas d'esta peça e entre ellas citaremos a faneca, o badejo, e o bacalhau. A terceira, que é constituida por uma série de ossos mais extensos e resistentes, fórma com as outras peças, ou só com o escapulario, o fecho capital da abobada.

Sobre estes ossos assenta, em algumas familias, a extremidade membranosa do operculo.

Na parte inferior os humeraes constituem dois ramos convergentes ligados entre si, e em cujo ponto de intercessão se acham reunidos os musculos que fórmam o pavimento da cavidade do pericardio. Pela parte superior, os humeraes são articulados ao mastoideu.

Os raios das barbatanas peitoraes, que se acham ligados á abobada escapularia, denominam-se *metacarpos* e *phalangeos*.

Os raios das barbatanas dorsaes são sustentados, nos esqueletos osseos, pelos ossos *inter-espinoso*, articulados na parte exterior dos apophyses das vertebras da columna dorsal, que, pela sua pequenez e finura são tambem conhecidos pela designação vulgar de *styletes inter-espinosos*.

O craneo dos peixes compõe-se de vinte ossos pares, conhecidos pelos nomes de frontaes principaes; frontaes anteriores; frontaes posteriores; parietaes; mastoideus; occipitaes lateraes; occipitaes posteriores; rochedo; as grandes barbatanas e as barbatanas orbitarias; e de seis impares; o basilar; o sphenoide principal; o sphenoide anterior; o vomer; o ethmoide; e o occipital superior ou interparietal.

As fossas do craneo dividem-se em fossa anterior, media e posterior. As cavidades operculares estão situadas entre a fossa media e a fossa posterior.

As *vertebras* dos peixes, que podem considerar-se dorsaes ou caudaes, segundo a posição que occupam no esqueleto, apresentam-se perfeitamente articuladas em toda a sua extensão. A cavidade interior contém uma substancia gelatinosa, mais ou menos dura, e envolvida por uma membrana resistente, que constitue o cordão de segurança das vertebras, desde a nuca até á cauda.

O apophyse da terceira vertebra, contada do craneo, é conhecida pela designação de *mitral*. A ultima vertebra termina sempre, e em todas as familias, por uma parte em fórma de leque, distinguindo-se das outras por esta disposição original.

Aos ossos pequenos e allongados dá-se o nome de *espinha*.

Para darmos uma resumida ideia do numero de ossos, que compõem o esqueleto dos peixes, basta dizer que ha especies em que chega a attingir 4:392.

CAPITULO VII

Systhema circulatorio

O sangue dos peixes compõe-se de duas partes: solida e liquida. Esta é tambem conhecida pelo nome de *soro*. A parte solida é formada de globulos rubros, de fórma elyptica, e cujo volume está na rasão inversa da sua actividade. Isto é: quanto mais activas forem as funcções do apparelho respiratorio, menos volumosos são os globulos do sangue. Apesar de não ser tão abundante em materias organicas, como o dos vertebrados superiores, o sangue dos peixes apresenta, todavia, os mesmos caracteres e propriedades physicas, tanto na sua coloração, como na viabilidade arterial.

O systhema circulatorio d'este grupo do reino animal, differe completamente do de todas as outras especies. O coração tem um unico ventriculo e uma só auricula. Estas duas cavidades cardiacas, correspondem exactamente á auricula e ao ventriculo direitos das aves e dos mamiferos.

Depois de satisfeitas as funcções da respiração, o sangue desce ao tronco arterial, que reside sob a columna vertebral, e é d'ahi regularmente distribuido a todas as partes do corpo, indo em seguida lançar-se na auricula, tendo anteriormente atravessado todo o systhema venoso. Algumas familias ha que apresentam a auricula alojada posteriormente ao ventriculo. Em quasi todos os embryões se dá este phenomeno; com o seu desenvolvimento, porém, a auricula vae subindo progressivamente até se installar na sua região normal.

O ventriculo apresenta exactamente a fórma de uma pyramide, com a base voltada para deante. A auricula é mais volumosa que o ventriculo. Nas suas paredes, constituidas por um tecido delicadissimo, e a que adherem innumeraveis feixes de musculos, reside um orificio, a que se dá o nome de auricula-ventricular, formado por uma série de valvulas, especialmente encarregadas de impedir os movimentos retroactivos do sangue.

As paredes do ventriculo são formadas por duas camadas de fibras musculares, ordinariamente separadas uma da outra, e constituindo duas columnas, que funccionam independentemente. D'este ventriculo parte a arteria aorta, que logo em principio apresenta uma pequena dilatação contractil, a que se dá o nome de *bolbo*.

As suas paredes são constituidas por tecidos fibrosos e sufficientemente elasticos para poderem adaptar-se ás necessidades da contractibilidade, inherentes ás suas funcções. A raiz apresenta-se formada por um seguimento de valvulas carnosas, que não permittem a diffusão do sangue no ventriculo, preservando, conseguintemente, esse orgão do peixe de suspender a sua laboração.

As arterias, que atravessam as guelras, communicam directamente com uma cavidade, que reside nas extremidades inferiores dos arcos das mesmas guelras e estabelecem a passagem do sangue por uma série multipla de arteriolas, que crusam as laminas e constituem, á superficie d'estas, um tecido capillar, abundantissimo de materias organicas. Este tecido conduz o sangue a um orgão, que reside na parte externa de cada lamina e d'aqui se deriva para um grupo de vasos efferentes, que estão em contacto directo com a aorta dorsal.

Os vasos efferentes constituem a base do systhema venoso dos peixes e estão encarregados de receber o sangue arterial. Acham-se dispostos em sentido inverso, mas paralellamente ás arterias, formando com as suas numerosas ramificações as *pseudo-guelras*, e fornecem de sangue as arteriolas das guelras, as partes inferiores da cabeça, as arterias do hyoide, e a arteria coronaria do coração.

O canal destinado a alimentar de sangue os ossos do peixe é constituido pelas mesmas ramificações d'aquelles orgãos vasculares.

PAGINA LITTERARIA

CONTO DE PASCHOAS

(De André Theuriet)

Havia em Sevilha, no bairro de Triana, um rapaz de quinze annos chamado Juanito *el Morenito*. Orphão de pae e mãe, fôra creado ao laré e á aventura como uma ervinha crescida por entre as fisgas das calçadas de Triana, dormindo ora ao ar livre, ora nos palheiros d'um *posada*, alimentando-se d'um punhado de glandes doces, ora do peixe frito das tabernas, e para viver explorava cem officios, dos quaes o mais lucrativo consistia em vender programmas ás portas dos theatros. Apezar do seu traje esfarrapado e pés descalços, era um bonito moço, olhos luminosos, bocca risonha, cabellos encrespados, rosto fortemente queimado pelo sol andaluz, e d'ahi lhe viera a alcunha de *Morenito*. De resto, havia um pouco de sangue gitano a correr-lhe nas veias e, como os gitanos, era de genio independente, amante da vadiagem e apaixonado pelas corridas de toiros.

No dia de sexta-feira de paixão, accordou o morenito um tanto melancholico e quebrado de espirito. Durante toda a quinzena da Paixão, os theatros estiveram fechados, e não tendo podido exercer o seu officio de vendedor de programmas e cartazes, não tinha sequer um *cuarto* no bolso. E a pobreza era-lhe tanto mais sensivel que, para dia de Paschoas, estava annunciada uma magnifica corrida de toiros, com Mazzantini e Frascuelo como *spadas*, e que, em vista da penuria absoluta da sua bolsa, seria forçosamente privado do espectaculo que lhe era predilecto. Entretanto resolveu ir á aventura pelas ruas de Sevilha e depois de ter resado á *Virgem de la Esperanza*, de que era devotissimo, sacudiu o torpor, as febras de palha que se lhe emmaranharam nos cabellos e apressou-se a sahir do estabulo onde essa noite dormira.

A manhã estava soberba. Sobre o ceu d'um azul carregado, a esbelta torre da Giralda, devorada pelo sol, recortava-se com gentil nitidez. As ruas regorgitavam já de gente dos arrabaldes, que affluia a Sevilha para assistir e acompanhar as procissões das *Confradias*. Passando em frente da praça de *Toros*, o Morenito viu uma longa cauda de amadores cercando a casinhola do vendedor de bilhetes, e isto augmentou ainda a amargura do seu pezar. Durante quatro horas bateu a rua de las Sierpes, aspirando o aroma das frituras ou dos pasteis polvilhados de canella, sobrenando no azeite que espirrava nas caçarollas; seguindo a pista dos *toréadores* que passeiavam lentamente no terreiro dos Cafés e se pavoneavam desvanecidos no seu phantasioso traje, nos calções estreitos e nos sapatos com fivella de prata. E elle dava tratos á imaginação, procurando o meio honesto de ganhar *algumas pesetas*. Debalde tentára afiliar-se aos vendedores que apregoavam programmas de processões com o nome de diversas irmandades e confrarias; todos os logares estavam tomados e de toda a parte o pespediam.

Emfim, não podendo mais, estomago vasio, costas queimadas pelas ardencias do sol, correu para a praça *de la Constitucion*, onde deviam estacionar as procissões, e achando n'um dos portaes da *Casa de Andiencia* um cantinho cheio de sombra, resolveu acolher-se á frescura da hombreira e. repousando, esperou a passagem das *Confradias*.

«Quem dorme, come», e, á falta de almoço, o Morenito desforrou-se com uma boa somneca. Em breve adormeceu profundamente, e realmente era bello vel-o assim! estendido ao comprido nas lages brancas do degrau, braço recurvado servindo-lhe de travesseira á cabeça de negros cabellos crespos,—fechando as palpebras de compridos cilios e entreabrindo n'um vago sorriso os labios vermelhos que deixavam ver a fileira dos seus dentes pequenos e alvos como a neve.

Emquanto dormia, um par de *touristes* passou: dois jovens, provavelmente marido e mulher, em todo o caso um par amoroso, todo viço e galanteio,—o que se adivinhava pela maneira porque iam de braço dado.

— Olha aquelle garoto, como é galante, disse o marido á mulher, parando para contemplar o dormente, e que bella figura para um quadro!... *Caramba*! A posição é soberba... Nada lhe falta, desde o gesto original da mão aberta, até áquelle ar de quem espera que lhe caia do ceu algum maná, emquanto dorme.

— Que te parece? replicou a joven mulher; uma boa surpreza a fazer a esse dorminhoco, era pôr-lhe na mão um dinheiro em prata... para que o despertar fosse tão agradavel como algum sonho que esteja fazendo.

— *Buena idéa!*

Os noivos, e os enamorados tambem, são generosos. Elle tirou da bolsa duas pesetas, embrulhou-as n'um papel, e depol-as delicadamente na mão aberta que, por um movimento machinal se retraiu um pouco ao frio contacto do metal. Depois, afastaram-se, rindo da aventura.

El Morenito continuava a dormir, e dormindo, sonhava. Sonhava que, de uma escada de seda das côres do arcoiris, a purissima *Virgem de la Esperanza* descia, vagarosa e radiante, até elle. Tinha sobre a fronte a corôa de flores de liz e trazia nas mãos rosas brancas. E dizia-lhe com voz tão doce como o mel: «Juanito, jámais te esqueceste de me fazer a tua oração, pela manhã e á noite... Em louvor da resurreição de meu amado filho, quero recompensar-te... Irás aos toiros, no domingo!» Ao mesmo tempo, a Virgem saccudia na mão do Morenito as pétalas nevadas das suas rosas brancas e, ao cair a perfumada chuva, cada folha de rosa se transformava n'uma moedasinha de prata. O Morenito teve uma emoção de jubilo tão profundo que despertou.

Espreguiçou-se, e d'uma das mãos —oh! milagre!—cae um papel, desenrola-se, e as duas pesetas soltam-se rolando argentinamente nas pedras dos degraus... Mal acreditava no que via e ouvia! Eram *dos pesetas*,—tão perfeitas e reaes como as verdadeiras. A Virgem não o enganou, não,—não lhe fez partida,—podia ir aos toiros! A' corrida, o seu divertimento sobre todos predilecto! E, d'um pulo, eil-o que ahi vae a correr, como um gamo, na direcção da *Plaza de Toros*.

Ao voltar a esquina da *calle de San Pablo*, esbarrou com uma rapariguita do bairro de Triana, que conhecia desde a infancia, e a quem chamava *la Chica*. A *Chica* estava muito pallida, e tinha os seus formosos e rasgados olhos negros rasos de lagrimas.

— O' *Chica!* Que tens tu? perguntou-lhe elle.

— Minha mãe está doente, respondeu ella, e ha duas noites que não durmo... O medico veio esta manhã e receitou. Vou á botica, mas o pharmaceutico não me fiou o remedio.... Que fazer? em os sinos dobrando por ella, dobram tambem por mim... Eu não resisto!

Morenito ficou um instante pensativo, olhos pregados nos humidos olhos brilhantes de Chica; depois, bruscamente, tirando do bolso da esfarrapada jaqueta as duas pesetas miraculosas, metteu-as na mão da sua pequena amiga.

— Toma, *niña mia*, disse elle, toma este dinheiro... Foi a Virgem de *la Esperanza* que m'o deu, e *la guapa Madre de Dios* ficará contente quando souber que é empregado em curar tua mãe...

La Chica estava tão commovida que nem mesmo teve tempo de lhe agradecer. Correu logo á botica, a pobre rapariga!

Estava escripto que Morenito não iria, decididamente, á primeira toirada do anno. Mas, como ha compensações no mundo, nem por isso passou o domingo menos alegre. N'esse dia, a mãe de Chica melhorou sensivelmente e a rapariga veio agradecer a Juanito no palheiro da *posada*. Ella arranjou o seu melhor traje, e pregou duas rosas vermelhas nos seus fartos cabellos negros e frisados. Depois foram ambos passeiar ao longo do Guadalquivir, sob as larangeiras afestoadas de flores da Alameda.

A primavera accendera brilho faiscante nos olhos de Chica, e talvez tambem que um sentimento mais terno contribuisse para essa seductora phosphorescencia. Quando se acharam n'um recanto mais umbroso, formado por altas sebes de myrtos, a Chica lançou bruscamente os braços ao pescoço de Morenito e disse-lhe sem a menor falsa vergonha!

— *Te quiero, compañero!*

E emquanto os sinos repicavam festivamente á passagem da procissão de Paschoas, estas duas creanças de quinze annos prelibavam as doçuras ineffaveis do primeiro beijo de amor.

(Trad.)

Agnelo Oscar.

HYGIENE

I

O acaso dos sonhos conduziu-me até á cidade.

Apenas alli entrei senti-me altamente surprehendido: os habitantes eram todos velhos, muito velhos. Pelas ruas só se encontravam cabeças calvas ou brancas de neve, caras enrugadas, olhos mortiços, boccas sem dentes e barbas nevadas. Os negociantes, em pé por detraz dos balcões das tendas, mediam as suas fazendas, pezavam ouro em pó, com mãos tremulas; vendedores ambulantes lançavam aos ares pregões com voz debil, cambaleando e amparando-se ás paredes. Entrei no tribunal de justiça: eram tão velhos juizes e réus que mais pareciam mumias. E—caso triste!—nenhum d'elles tinha essa belleza serena, magestosa, augusta, dos heroes antigos, belleza que impõe respeito. Decrepitude, caducidade ignobil e mais nada. Todos aquelles centenarios haveriam gasto os dias de vida em occupações vilissimas, ou em sordidos pensamentos. Aos meus ouvidos chegava, semelhante ao *glu glu* d'uma sargeta que trasbordasse, o ruido do expectorar continuo de velhos catarrhos!

Nem mais um momento ficaria n'aquella cidade maldita, se de repente se me não deparasse um delicioso espectaculo, como nunca olhos humanos haverão contemplado.

II

Para além das tendas, dos tribunaes e das fabricas eu vi um bosque espesso de magnolias e loureiros, onde chilreavam milhares de aves de todas as côres. Pelas clareiras, por entre canteiros floridos e hervagens fôfas e oscillantes como berços macios, deslisavam formosissimos grupos de amantes, segredando confidencias, sorrindo, beijando-se. Aqui e alli appareciam pares felizes, para desapparecerem mais longe na espessura das arvores, dos caramanchões, dos macissos de verduras, todos cheios de sombras e de quietude. No ar passavam vibrações doces de musicas invisiveis. Guiado por esses sons abeirei-me de um templo de marmore-rosa. Adolescentes tocavam tiorba e alaúde e improvisavam versos, sonetos, baladas, que immediatamente eram escriptos em papel do Japão por pagemsitos ajoelhados aos seus pés. Escondido atraz d'uma arvore, ouvi esses versos deliciosos, os melhores de todo o mundo!

E escutava-os tão enlevado que a noite desceu sem eu dar por tal. Julguei então que todos elles se recolhessem. Mas não. Dirigi-me para um magnifico palacio de alabastro e ouro, que de repente e como por encanto appareceu, e entraram n'uma sala espaçosa ladeada de estatuas e de telas, onde se via servido um festim sumptuoso. Sentaram-se, comeram em pratos doirados, beberam por taças de Veneza, que reflectiam em myriades de raios a luz dos lustres.

Ao lado de cada um dos convivas estava uma mulher nova, deslumbrante de formosura, e hombros nús.

Eu contemplava-os em silencio, extasiado. Mas um dos convivas viu-me e disse-me:

— Vem sentar-te á nossa meza. Serás o que nós somos, se por ventura conheces a arte das rimas...

— Pelo menos estudei isso em outro tempo, respondi.

— ... e se gostas de mulheres, concluiu.

— Se gosto!? Isso não se pergunta! No entanto hesitei.

Pensava nos pobres velhos, que aspecto tanta pena me causára. Seria aquella decrepitude o resultado d'uma vida desregrada?

— Bem desejaria, murmurei, acceitar o convite, mas... não me estará reservada a sorte d'esses desgraçados que ha pouco vi e que serão vossos paes talvez?

— Nossos paes?!

— Sim; uns velhos que encontrei nas ruas, nas fabricas, no tribunal, por toda a parte.

Respondeu-me uma gargalhada homerica.

— Não são nossos paes.

— Vossos avós, então...

Novas gargalhadas.

— Nossos avós... ah! ah! ah! Não! São apenas nossos filhos!

III

Seus filhos!

Vendo-me estupefacto, o que primeiro fallou, exprimiu-se n'estes termos:

— Um dia (não sei de que mez, nem de que anno, pois que muitos annos e muitos mezes se passaram desde então), um dia vieram habitar n'este paiz os deuses immortaes, a Poesia e o Amor, que nos ensinaram as sciencias dos Versos e dos Beijos. Desde essa hora abençoada nós esquecemos todos os imbecis deveres, os trabalhos inuteis, a hypocrisia, as ambições, os lucros, e temos vivido loucamente, furiosamente, na embriaguez da lyra e dos labios rosados. E cantamos e amamos sem descanço, sem somno. Pelos rythmos harmonicos e pela mulher, sacrificámos tudo isso que prende a tola humanidade, demos, sem os contar, todos os minutos da nossa existencia, e uma a uma, as gotas do nosso sangue.

«Aos nossos filhos quizemos nós transmittir o que os Deuses imortaes nos ensinaram... Oh! a nova raça degenerou! Outros cuidados a absorvem. Os nossos filhos, serios, methodicos, positivos, desprezaram as rimas e as mulheres. Construiram fabricas, fizeram-se negociantes e burocratas. Preferiram ser trabalhadores, ricos, considerados, ao passo que nós preferimos dar serenatas ao luar em frente das ventanas das nossas amantes adoradas.

«E, vê tu, elles parece terem cem annos, elles que ainda devem lembrar-se dos berços, em quanto nós temos vinte annos, nós, os centenarios! Os nossos filhos cambaleiam e tossem, elles tão sombrios, tão pacatos! Nós triumphamos, robustos, cheios de vida, felizes, sonhando chimeras, inventando delicias.

«E sabes porquê?

«E' que a mocidade, como a avesita que passa e cruza o espaço azul, ha de eternamente pairar, suspensa nas duas azas sublimes—a Poesia e o Amor!

Catullé Mendes.

NOTAS DE UMA IMPRESSIONISTA

Os servos da Russia, convenciam-se de que a vida era um pesadello atroz, e que o somno com o seu cortejo de vizões incoerciveis é que era a realidade. Foi assim que sob o *knout* do senhor, elles conservaram intacto no mais profundo da sua alma, o manancial ardente e divino de que brota uma poesia inteiramente fóra de todos os moldes conhecidos por nós.

Tenho tambem pensado muita vez, que a minha verdadeira existencia se passa na convivencia um pouco allucinante dos escriptores que mais amo, e que a successão dos acontecimentos da minha vida, é que é um sonho—sonho triste ás vezes, outras radiante e illuminado, mas sonho em todo o caso!

Hoje é á Russia que vou levar a minha paciente, ou quem sabe, se impaciente leitora.

Apresento-lhe um verdadeiro Scyth, que se não parece com pessoa alguma que v. ex.ª tenha visto, conhecido, lido ou admirado.

Chama-se Dostoiesvky. Não escreveu, *soffreu* os seus livros. A vida d'elle é alguma coisa de pavoroso e de triste que se não conhece na pessoa pacata vida extracivilisada.

Nasceu n'um hospital de pobres onde o pae exercia um logar burocratico. As primeiras vizões da sua infancia, representavam-lhe a humanidade sob os seus aspectos mais humildes, mais miseraveis, mais vis. D'aqui lhe provem o doloroso realismo do seu talento.

Não aprendeu com Zola, na convivencia dos desgraçados, a desprezar-lhe e a exaggerar-lhe as diformidades organicas.

Pelo contrario! Aquelle que toda a sympathia, toda a effusão d'alma, toda a caridade, todo o amôr, seriam poucos, para levar ás trevas em que a maioria da especie humana agonisa, um raio de affecto e de luz.

Esta concepção da vida, que n'elle fôra determinada pelas circumstancias especiaes do seu destino, mas que era tambem uma consequencia natural do seu modo de ser intimo, subordina toda a sua obra litteraria tão vasta e tão suggestiva.

*

Pobre, doentissimo, por que é como Flaubert um epileptico, e mais do que Flaubert, um feixe de nervos em permanente e dolorosissima vibração, a sua mocidade arrasta-se difficil e sombria, entre privações de toda a ordem.

Pouco sensivel aos soffrimentos materiaes, são as mil alfinetadas, com que a indigencia lhe supplicia o orgulho indomito, são as agonias moraes, que lhe laceram o coração, que lhe exasperam a *nevrose*, e fazem d'elle a pouco e pouco um vizionario, um allucinado extranho...

Uma idéa sómente o alimenta, e faz viver, n'este inferno interior que é para certas almas a pobreza. Esta alentadora idéa é o trabalho.

As alegrias unicas que o visitam, e que o alheiam completamente da negra realidade, deva-as aos mil projectos litterarios que lhe borbulham impetuosamente no cerebro, e de que elle faz a confidencia em longas cartas effusivas e ternas a um dos seus irmãos.

Por que este homem, cujo aspecto rude e plebeu é o de um camponeo russo, tem uma alma femenina, cheia das mais requintadas delicadezas de sentimento e de bondade.

Aos vinte e tres annos escreve o seu primeiro romance: *Os pobresinhos*.

Biélinsky, o oraculo do pensamento russo d'esse tempo, o critico que então fazia tremer de pavor os debutantes, lê o seu romance em manuscripto, e, subjugado pelo effeito magico e imprevisto d'essa leitura, grita-lhe, quasi fóra de si, quando elle, muito humildemente, vem ouvir a sentença d'esse juiz tremendo.

—Você sabe bem o que escreveu? Comprehende bem o alcance do que disse? Não! Com vinte annos, como é que havia de saber isso! E' a revelação da arte; é o dom superior! Respeite esse dom, e será grande!

Era legitimo o espanto do critico russo, por que o romance de Dostoievesky pertence ao genero raro e simples d'aquellas obras que é mais difficil á mocidade, comprehender e crear! Não é um livro de paixão ou de herocidade, não é um drama de lances impetuosos e de scenas de effeito.

E' uma tragedia tão simples e tão dilacerante, tão intima e tão discreta na sua expressão e na sua fórma que mais parece a obra de um homem de genio no declive da vida, do que a primeira expansão de um talento juvenil.

Consta da correspondencia entre um pobre homem, avelhantado, vulgar ignorante e ingenio, com uma rapariga vizinha d'elle, pobre tambem, que nada possue na terra a não ser a protecção inefficaz de seu pobre amigo. São duas miserias que mutuamente se auxiliam para não succumbirem de todo; são duas almas, que naufragando no bravo mar da vida, acharam um porto de abrigo, onde repousar alguns momentos idealmente enlaçadas.

Entre os dois não póde haver amor Elle sabe que é velho, humilde e feio. Ella, superior ao seu amigo pela educação e pelo espirito, vê n'elle um irmão que a protege moralmente, que a ampara e se sacrifica, sem perceber mais nada, sem desconfiar que outra coisa, mysteriosa e recondita, envergonhada de si mesmo, possa medrar timidamente na alma do seu companheiro de miseria.

Um dia, porem, a pequena recebe uma proposta de casamento. Não é o noivo moço apaixonado e triumphante, que todas as mulheres sonhan na aurora da vida, E' um homem burguez, de meia edade, riquissimo, um tanto suspeito. Mas a miseria está tão perto! ...mas é tão difficil e tão aspera a lucta quotidiana!... mas o Vicio expia tão tenazmente a pobre creança fragil!... mas a Vida é no fim de contas tão boa, para quem pode gosal-a!...

A união doce e triste das duas almas quebra-se.

Ella casa e vae para longe inconsciente da desolação em que deixa o seu pobre amigo. Elle fica só, sem nada, nada que console da amargura do seu viver chato, humilde, vasio de tudo... inane e sombrio...

E', como veem, uma d'estas historias intimas que só póde escrever quem tenha genio. Tinha-o o romancista russo, por isso o seu nome foi de um dia para o outro acclamado e celebre.

*

Alonguei-me na descripção d'este debute glorioso. Agora não posso já acompanhar o grande escriptor nas peripecias da sua sombria existencia. Não a póde haver mais accidentada nem mais estranha!

Compromettido n'uma das mil conspirações, em que a Russia se entretem desde muito, condemnado a morrer fusilado, é no momento em que—já ouvida a sentença mortal, que foi lida aos réus na praça em que ia ser executada,—os soldados apontavam as armas carregadas para elle e para os seus companheiros, que uma ordem do Czar suspende o morticinio. A pena de morte é commutada no exilio para a Siberia. Perpetuo para uns, temporario para Dostoievesky.

Um dos condemnados perdeu ali o juizo para sempre. O romancista porém resiste ao medonho abalo cerebral, que mais tarde lhe servirá para pintar com uma agudeza osychologica allucinante, o pezadello atroz do homem que se sonhar perto da morte.

Na Siberia, acorrentado com a escuma de todos os crimes, a sua educação moral continua a aperfeiçoar-se; a sua caridade attinge um gráu de lumina perfeição que é vedado a quasi todos, e o amor que elle consagra á miseria humana, sob todas as faces que ella pode revestir, inspira-o divinamente, e no artista faz surgir o *Apostolo!...*

Desde essa hora o caminho d'elle está claro e definido. Desdobra-se largo e amplo ante o seu olhar de illuminado!

Amará todos os que soffrem, buscará a luz divina occulta na alma ainda a mais vil, ungirá com o balsamo da sua piedade o mais endurecido criminoso, será o servidor dos que se humilham, e o interprete dos que são desconhecidos!

A sua obra enorme, inextrincavel, confusa, em que as vegetações monstruosas se entrelaçam, em que as lianas parasitas se enredam em vertiginosas espiraes, em que não ha equilibrio, em que não ha proporções harmonicas; a sua obra que é a d'um nevrotico e d'um allucinado, d'um louco e d'um genio, d'um barbaro e d'um poeta, está toda ella banhada nas aguas bemditas d'esse Jordão ideal, onde as almas vão buscar a purificação de antigas culpas!

A Caridade—eis a musa d'esse estranho slavo, que parece não ter uma unica reminiscencia classica, que parece não ter lido um unico livro, a não ser o livro tragico da sua existencia dolorosa tão intensamente povoada de commossões palpitantes e de incidentes extraordinarios!

E' d'esta singularidade que lhe provem toda a força, é d'esta vida moral, tão forte e suggestiva, tão desbordante e singular, que se fórma o seu raro encanto!

Lêl-o é soffrer, mas que soffrer tão purificante e tão fecundo, é aquelle que nós buscamos no espectaculo da miseria humana!... Como essa dôr nos ensina a ser piedosos, a ser indulgentes, a amar a divina tolerancia acima de todas as duras e estoicas virtudes antigas!...

Lêl-o é soffrer! Mas d'esse soffrimento não ha ninguem que não saia mais reconciliado comsigo mesmo, com uma comprehensão mais elevada das suas responsabilidade moraes e dos deveres sagrados que se impõem a todo o coração!...

Hoje na vasta anarchia mental em que se convulsiona esterilmente o mundo, uma luz rompe, vaga e mysteriosa, d'esse paiz slavo, em que a poezia é tão intensa, em que o poder de vizão, é tão profundo, em que a alma é tão dolente e esquiva, tão selvagem e tão apaixonada, tão enygmatica na sua força, tão triste na sua concepção da existencia!

Olhemos para essa luz, nós que vivemos n'esta escuridão de velhice, em que a Europa latina descae a pouco e pouco...

Valentina de Lucena.

9

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Seus olhos azues ornados de sobrancelhas castenhas bem arqueadas, pareciam ter sido feitos para inflamar, e enternecer os corações, como para subjuga-los, e obter d'elles quanto quizessem. Posto que tivesse na fisionomia certa expressão de doçura, e de bondade nem por isso deixava de notar-se-lhe certa altivez, nascida provavelmente do costume que tinha de ser obedecida, recebendo quotidianamente de quantos a rodeavam assiduas provas d'amor e de respeito.

Seus longos cabellos, da mesma côr que as sobrancelhas, formavam numerosos corações que a arte tinha visivelmente aperfeiçoado. Estes corações estavam ornados com pedras preciosas e as tranças caidas em toda a sua longura annunciavam o estado livre, e nascimento distincto da nobre Saxonia. No pescoço, que escorecia a neve, trazia um soberbo cordão d'ouro, de que pendia um relicario do mesmo metal. Tinha os braços nús e ornados com pulseiras. Era seu trajo uma saia, um vestido de seda preta, e por cima um roupão fluctuante com mangas largas, que desciam até aos cotovelos. Este vestido era cramessi e da mais fina lã. Um tecido de ouro e sêda, que lhe servia de véu, estava arranjado de modo que lhe cobria o rosto e o seio, á hespanhola, e formava sobre os hombros uma especie de roupagem.

Desde que lady Rowena se advertiu que o templario tinha n'ella cravado os olhos, que com o ardor do desejo podiam comparar-se a dous carbunculos, revestiu-se d'um ar de dignidade, e desceu o véu, como offendida d'aquella liberdade. No que como attentasse

Cedric disse em alta voz: Senhor cavalleiro, nossas donzellas córam facilmente, que não andam ellas affeitas a serem vistas de perto, nem com tanta liberdade.

Se commetti alguma falta, respondeu Brian, perdão vos peço, ou antes peço perdão a lady Rowena, que a minha humildade não se extende a mais.

— Lady Rowena, disse o prior, castiga-nos a todos punindo a temeridade do meu amigo. Tenho porém a esperança de que serémos mais felizes no esplendido torneio onde me lisonjeio ter a honra, e satisfação de a vêr.

— E' ainda inserto que lá vamos disse Cedric; que não gosto eu d'essas vaidades, que foram desconhecidas de meus pais, no tempo em que a Inglaterra era livre.—Deixai-nos conservar a esperança, disse o prior, que poderão nossos rogos persuadir-vos a ir em nossa companhia. As estradas andam pouco seguras, e a escolta d'um cavalleiro como sir Brian de Bois-Guilbert não é para despresar.

— Senhor prior respondeu o saxonio, todas as vezes que me foi mister ir a qualquer parte nunca tive necessidade d'outra escolta mais do que a dos meus fieis criados, e da minha espada. Se formos ao torneio d'Ashby-da-Zouche será em companhia de nosso nobre vizinho, e compatriota, Athestane de Coninghsburgh, e com um acompanhamento sufficiente para affrontar os outlaws e os inimigos feudaes... á sua saude, senhor prior, e agradeço-lhe a attenção. Provae este vinho, persuado-me que vos não ha de desagradar... Se comtudo fosseis assás rigido observador das regras monasticas, e que preferisseis a vossa preparação de leite acido, não pretendo obrigar-vos a levar a ceremonia até fazer-me razão.—Oh! disse o padre surrindo-se, isso é só bom dentro da nossa abbadia, lá é que se bebe o *lac dulce et acidum*. Mas quando nos achâmos no meio da sociedade conformamo-nos com os seus usos. Respondo pois á vossa saude com o mesmo licôr; quanto á outra bebida, em que me fallais deixo-a para os meus irmãos leigos.—E eu, disse o templario enchendo o copo, faço uma saude á bella Rowena. Que ninguem ha em Inglaterra que com mais direito mereça este tributo. Certo que seria eu o primeiro a desculpar o desgraçado Vortigerne, de ter sacrificado a honra e o reino por uma mulher, se ella tivéra metade das graças que vos prestou a natureza.—Dispenso-vos de tanta cortezia, cavalleiro disse lady Rowena com dignidade e sem levantar o véu; ou antes empenhar-vos-hei a dar-me uma prova d'ella, dando-nos novas da Palestina. Assumpto este que é mais interessante para os ouvidos inglezes, do que todos os cumprimentos que a vossa educação franceza vos ensina.

— Nada de novo, respondeu Bois-Guilbert, a não ser o boato da tregoa com Saladino, que parece confirmar-se.

— O templario foi interrompido por Wamba, que se achava no seu lugar ordinario, sentado n'uma cadeira que tinha as costas decoradas com duas orelhas d'asno; estava por detrás da cadeira de seu amo, que de tempos a tempos lhes dava algum bocado que tirava do prato, favor que o bufão partilhava com alguns cães favoritos, admittidos na sala. Wamba que tinha uma pequena meza diante de si, e os calcanhares postos sobre a travessa da cadeira, as faces encovadas tornavam-lhe a maxilla similhante a um quebranozes, apesar de ter os olhos meio fechados, espiava a occasião de exercer as funcções do seu encargo.

— As tregoas com os infieis envelhecem-me bem! disse elle sem se importar se interrompia, ou não o soberbo templario.

— Que queres tu dizer doudo? lhe perguntou o amo com um ar que annunciava estar disposto a tomar em bem os seus gracejos.

— E' porque vi concluir tres, respondeu Wamba, de que cada uma devia durar cincoenta annos. Por conseguinte, calculando bem, devo eu ter ao menos cento e cincoenta annos.

— Eu farei com que não morras de velhice, replicou o templario, reconhecendo em Wamba o homem que tão mal os encaminhára. Se continuas a desorientar os peregrinos, ensinando-lhes mal o caminho por malicia, tem por certo que has de morrer de morte violenta.

— Como, miseravel! exclamou Cedric, encaminhaste mal os senhores? mereceis levar com as varas, pois sobre doudo és máu.

— Rogo-te, meu tio, me permittas que a loucura sirva de protecção á malicia. Só commetti um leve descuido tomando a minha mão direita pela esquerda; e aquelle que toma um doudo por guia ou por conselheiro póde muito bem perdoar este engano, pois que elle mesmo ainda commetteu outro maior.

A conversa foi interrompida pela chegada do porteiro, que annunciou que um estrangeiro solicitava a hospitalidade.

— Façam-n'o entrar respondeu Cedric, seja quem fôr. N'uma noute como esta, no meio da tempestade, os proprios animaes preferem a protecção do homem, seu inimigo mortal, ao affrontar o furor dos elementos. Velai, Oswald, e tomai conta que o estrangeiro tenha bom gasalhado.

Oswalde saiu immediatamente para executar as ordens de seu amo.

V

> Um judeu não tem olhos, mãos, orgãos, dimensões, sentidos, affecções, paixões? Não vive dos mesmos alimentos? Não é ferido com as mesmas armas, sujeito ás mesmas molestias, alliviado pelos mesmos meios, aquecido e refrescado inverno e verão como um christão?
>
> *Shakspeare,* The Merchant of Venice.

— Oswald não tardou em voltar, e, aproximamdo-se de seu amo, disse-he ao ouvido: E' um judeu que se chama Isac d'York. Quereis que o introduza na sala?

— Encerrega Gurth, de prehencher as tuas funcções, Oswald, disse Wamba com a liberdade ordinaria. Um guarda de porcos é um introductor conveniente para um judeu.

—Sancta Maria! exclamou o prior fazendo o signal da cruz, um judeu infiel senta-se comnosco á meza!

— Um cachoreo, um judeu! disse o templario, aproximar-se d'um defensor do santo sepulchro.

— A fé, disse Wamba, que os templarios gostam mais da herança dos judeus que de sua companhia.

— Silencio, meus dignos hospedes, disse Cedric; a minha hospitalidade não deve ser limitada pelas vossas antipathias. Se Deus soffre, ha tantos annos, que esta raça perversa viva, porque não soffreremos nós uma hora a presença d'um d'estes individuos? Ninguem é obrigado a fallar nem a comer com elle; pode-se-lhe dar uma meza á parte, accrescentou sorrindo-se, salvo se estes estrangeiros de turbante, consentem em recebel-o na sua.—Senhor Franklin, disse o templario, os meus escravos sarracenos são bons musulmanos, e não abominam menos que nós os judeus. Não sei porque os sectarios de Mahomet e de Termagant tenham tanta vantagem sobre este povo escolhido por Deus em outro tempo? Pôr-se-ha á tua meza, Wamba, disse Cedric; um doudo e um judeu são feitos um par do outro. O doudo, respondeu Wamba, levantará um muro, que o ha de livrar do contacto desse infiel; e como isto disse, lançou mão de um presunto que estava na meza.

— Silencio! diz Cedric, eil-o aqui.

Introduzido com pouca ceremonia, avançando com um ar de temor e hesitação, e fazendo muitas cortezias rebatidas, com a mais profunda humildade, um velho magro e alto, mas algum tanto corcovado á força de se cruzar frequentemente, se aproximou da mesa. A regularidade de suas feições, pois tinha o nariz aquilinio, os olhos pretos e vivos, e testa larga, e lavrada de rugas, a barba e os cabellos grisalhos lhe davam um ar respeitavel, se se não notasse em sua fisionomia certa expressão peculiar da raça israelista, em abominação ao vulgo dos homens n'aquelles tempos de ignorancia e de barbaridade, e perseguida por uma nobreza avida de riquezas, e acostumada a viver de saltos e de rapinas. Talvez que a perseguição a que estavam continuamente expostos os judeus fossem a origem dos viçios, que lhes exprobravam, sendo os principaes a baixeza, cobiça, e avareza.

O vestuario do judeu, que parecia ter soffrido muito pela trovoada, consistia n'uma grande capa parda, sobre uma tunica côr de purpura escura; tinha umas botas grandes forradas de pelles, um cinturão lhe sustentava uma faca de mato e um tinteiro; trazia um barrete amarello quadrado, de uma fórma particular, determinada aos judeus para os distinguir dos christãos, o qual tirou humildemente á porta do salão.

O acolhimento que recebeu este hospede no palacio de Cedric foi tal, que o mais refinado judeu se daria por contente. O mesmo Cedric, a quem elle cortejou muitas vezes do modo mais humilde, não lhe sespondeu senão com um gesto, para lhe indicar que podia assentar-se á mesa inferior, aonde com tudo ninguem lhe quiz dar logar; pelo contrario, por toda a parte por onde passava lançando um olhar com um ar timido e supplicante, cada um estendia os cotovellos. apertava-se contra o seu vizinho, e os criados saxonios, continuando a devorar a sua ceia com bom appetite, não curavam de saber se o novo hospede tinha, ou não fome. Os frades leigos que acompanhavam o abbade faziam grandes signaes da cruz, olhando para o intruso com pio horror; e os sarracenos como o vissem ao pé, retorceram os bigodos com indignação, e levaram as mãos aos punhaes, como ultimo regresso que tinham para não serem contaminados.

E' provavel que os mesmos motivos, que tinham determinado Cedric a fazer abrir as suas portas a este filho de um povo repudiado, tel-o-iam determinado a dar ordem aos seus de recebel-o com mais polidez; mas estava, n'este momento, occupado com uma discussão, que o prior acabava de suscitar sobre as differentes raças de cães, e sobre os meios de os cruzar com vantagem, e este objecto não podia ser interrompido para se informar se um judeu se devia deitar sem ceia.

Em quanto Isaac era tratado deste modo como um proscripto n'esta casa, como os seus compatriotas o eram em todos os demais reinos, o peregrino sentado debaixo da chaminé teve compaixão do repudiado, e cedendo-lhe o logar lhe disse: Pobre velho, senta-te aqui; meu fato está enchuto e o teu está molhado; meu appetite está satisfeito e tu deves ter fome. Ao mesmo tempo ajuntou os tições espalhados na grande chaminé, poz na meza o que podia ser necessario para a ceia do judeu, e, sem esperar os seus agradecimentos, passou para o outro lado da sala, ou porque tivesse algum motivo para se aproximar, ou porque quizesse evitar de ter relações mais intimas com o objecto da sua benevolencia.

Se tivera existido n'este seculo um artista capaz de pintar convenientemente um tal quadro, o judeu, curvado diante do fogo, estendendo as mãos encarquilhadas e tremulas, teria sido um excellente modelo para personificar o inverno. Assim que se aqueceu um pouco, sentou-se á pequena mesa, e começou com uma apparencia d'appetite e de prazer que annunciava que aquella comida lhe era necessaria.

Com tudo o prior e Cedric continuavam as suas dissertações caninas; lady Rowena conversava com uma das suas damas; e o soberbo templario fitando alternativamente os olhos sobre o judeu e sobre a bella saxonia, parecia meditar algum projecto que o interessava vivamente.

— Admiro, digno Cedric. diz o prior, que apezar da predilecção que tendes por vossa lingua, que é de certo energica, não ache ante vós graça o franco-normando, ao menos pelo que diz respeito á arte venatoria; que nenhuma outra lingua ha que possa fornecer expressões tão variadas n'esta arte tão divertida,

CORREIO DE LISBOA

6 DE ABRIL DE 1888.

A não ser a grande tunda que o sr. ministro das obras publicas deu, n'uma das proximas sessões, no sr. Bocage, par do reino e ex-ministro dos estrangeiros no ultimo ministerio Fontes, nada tem occorrido de notavel no parlamento. As discussões correm mansamente, bem contra vontade da opposição serpacia, é certo, mas correm assim, o que não quer dizer que qualquer dia não appareça *algum caso feio*, que leve a opposição ao extremo da desordem a que tem chegado muitas vezes—mau grado publico. O convencimento a que chegou de que por tal meio nada conseguirá, possivel é que tenha actuado no seu espirito, e assim é de crêr que não haja mais desordens na casa que devia ser exemplo de moralidade e d'ordem.

— Espera-se que a discussão sobre a *régie* termine ámanhã na camara electiva, e se terminar já não vae sem tempo, attendendo a que era uma questão conhecida e debatida.

— O governo pensa sériamente na redução de impostos. Parece fóra de duvida que as percentagens deminuirão, que a decima de juros será extincta, que a contribuição por heranças soffrerá uma redução proporcionada—emfim que os impostos soffrerão uma grande redução é já fóra de duvida. E' um serviço mais que o povo deverá ao actual governo, e que o governo progressista se não dispensa de prestar-lhe.

— Uma commissão de artistas do «Grupo do Leão», composta dos srs. Greno e José Queiroz, foram ao passo entregar a S. M. el-rei os trabalhos que aquelle Grupo offerece para o seu producto reverter em favor das victimas da catastrophe do theatro Baquet. Os trabalhos offerecidos, todos de muito merecimento, são:

Quadros a oleo—Retrato de S. M. a rainha, de Condeixa; uma paizagem, de Silva Porto; uma cabeça, de Ramalho; um gallo, de Gyrão; uma paizagem, de Henrique Pinto; *costume* do Minho, de J. Malhôa; uma paizagem, de Carlos Reis; outra, de José Queiroz; uma cabeça, de Greno; um quadro de flores, de madame Greno; outro, de Vicira; uma paizagem, de Salgado; outra, de Christiano; uma cabeça, de Teixeira Bastos. A pastel—Amores perfeitos, de D. Maria Bordallo; paizagem de Villaça. A carvão—Uma cabeça, de Calumbano Bordallo; uma paizagem, de João Vaz. Aguarella—Uma das casas pobres visitadas por S. M. a rainha, no Porto, de Bordallo Pinheiro. Esculptura—Busto em marmore, «O teimoso», da duqueza de Palmella, esquiço em gesso (flora), de Soares dos Reis; idem (historia), de Moreira Rato. El-rei agradeceu e elogiou a generosa lembrança do «Grupo do Leão».

— Reuniu um dia d'estes á noute nos paços do concelho, em sessão plenaria, sob a presidencia do sr. ministro da justiça, a commissão de soccorros, organisada por iniciativa de Sua Magestade el-rei. Colligiu-se a primeira lista de subscriptores, que é a seguinte: Sua magestade el-rei 2:000$, sua magestade a rainha 1:000$000, Francisco Augusto Mendes Monteiro 500$000, Fernando Pereira Palha, e sua mulher 150$000, marqueza de Pomares 100$000, marquez de Pomares 100$000, Polycarpo José Lopes dos Anjos 100$000, visconde de Carnide 50$000, condes do Restello 100$000, Julio José Pires 20$000, Gabriel José Ramires 20$000, João Chrisostomo Melicio 20$000, Augusto José da Cunha 20$000, José Joaquim da Silva Amado 100$000, Frederico Ressano Garcia 20$000, Antonio Maria dos Santos 20$000, Francisco Beirão 20$, Oliveira Martins 20$000, Martinho Tenreiro 20$000, duques de Palmella 400$000, marqueza do Funchal 50$, direcção geral das repartições da camara dos srs. deputados 22$100, duque de Loulé 50$000, D. Rita Barros Gomes 20$000, D. Lucinda de Macedo 20$000, D. Rita de Carvalho 20$, condessa de Burnay 20$000, João Arroyo 10$000, José da Costa Pedreira 100$000, Thomaz Ribeiro 10$000, José Elias Garcia 10$000, Carlos Duarte Luz 90$000, Manuel Antonio de Seixas 500$000, D. José de Saldanha 10$000, visconde de Coruche 30$000, Jorge O'Neill 50$000, João Henrique Ulrich 20$000, Consiglieri Pedroso 10$000, V. Estrella Braga 10$000, conde de Ribeiro da Silva 200$000, Adolpho Mayer 100$000, Navarro de Paiva 22$000, condessa de Valbom 20$000, Eduardo Ferreira Pinto Basto 20$000, José Ribeiro da Cunha 20$. Somma e segue 6:214$600.

— Já foram recebidos os desenhos com que o principe D. Carlos e a princeza D. Amelia se prestaram a collaborar para o numero unico do «Lisboa-Porto». O Principe desenhou um navio de alto bordo, assaltado pelo fogo á prôa; e a princeza uma formosissima reproducção da torre de Belem.

— O rei da Suecia, que é esperado em Lisboa, traz na sua comitiva o camarista conde de Rangel, o mordomo conde de Rosen, o secretario barão de Essen e o medico dr. Dobelen.

— O encarregado dos negocios da Hollanda em Lisboa, o sr. barão de Krtssenaers foi promodo a ministro, ficando n'esta capital.

— O sr. Adolpho Mayer arrematou o pinhal da Azambuja pela quantia de 6:000$000 reis.

— Começará em breve a distribuição do novo armamento aos corpos de infanteria.

— No inventario por obito do sr. Francisco Pereira Batalha foram sonegados titulos de valor superior a reis, 9:000$000, sendo intentada, por isso, a acção respectiva.

— Partiu para Genova o sr. marquez de Oldoini.

— Dizem da India que se realisára em Goa uma reunião do patriarcha das Indias e dos bispos de Damão, Cochim e Meliapor, tratando-se dos interesses do padroado. Constava que o sr. patriarcha ia partir para Roma a apresentar as suas exposições ao papa. Na ausencia do patriarcha ficaria governando a diocese o bispo de Damão.

— Appareceu morto na cadeia o prezo Antonio da Costa Russo, natural de Estarreja, que havia enloquecido.

— A bordo do vapor «Berlim» o passageiro portuguez Antonio Fernandes da Costa.

— Foi definitivamente fixado o dia 9 do corrente mez para a partida do rei da Suecia para o estrangeiro. Depois de ter vizitado a Italia e a Algeria, tenciona este soberano dirigir-se a Lisboa onde é esperado no dia 12 ou 13 de maio. Demorar-se-ha entre nós quatro ou cinco dias. De Lisboa sahirá para Sevilha e Madrid, indo provavelmente embarcar em Ferrol para a Inglaterra, voltando em seguida para os seus Estados.

— O rei Oscar vem para Lisboa na fragata de guerra «Balder», tripulada por 230 homens e sob o commando do sr. D. C. Hjelm. Este navio sahiu ha dous dias de Barcelona para Italia, onde S. M. embarcará. Tem typo parecido ao das fragatas americanas que costumam visitar o nosso porto e é um dos navios mais antigos da marinha real da Suecia.

— Foi recebido hontem por SS. MM. o principe Radzwill, que trajava grande uniforme branco.

— S. M. el-rei vai agraciar este principe com uma gran-cruz; e o ajudante do mesmo principe com uma commenda.

— Foi nomeado amanuense do Tribunal de Contas o sr. Mariano Antonio da Silva, que era aspirante.

— Assumiu o lugar de chefe da 1.ª repartição da direcção geral das contribuições directas o sr. Joaquim Paes Abranches.

— Foi promovido a 1.º verificador o 2.º sr. Tamagnini Barbosa.

— Requereu a sua exoneração da commissão do Observatorio Astronomico o capitão-tenente da armada sr. José Alves do Rio.

— Chega, effectivamente, amanhã a Lisboa o sr. conde de Pariz.

— Foi aberto concurso para o lugar de juiz da relação de Gôa.

— Foi nomeado mais um perito para a segunda analyse das visceras do major Picão, por terem os primeiros peritos declarado em juizo que a sua analyze não déra resultado, por motivo dos reagentes conterem arsenico.

— O sr. conselheiro Nazareth soffreu a segunda operação da cataracta, com exelente resultado. Foi operador o sr. dr. Mascaró.

Y.

TELEGRAMMAS

Madrid, 2=Incendiou-se a legação da Russia, em Bucharest.

As avançadas do exercito abexim concentram-se no interior.

Começaram as negociações com o governo egypcio para os tribunaes mixtos que as nações continuam a manter no Egypto para regular os negocios dos respectivos nacionaes.

Pariz, 3.—A questão da revisão levou a divergencia aos membros do futuro gabinete. Os srs. Richard e Loubet, opportunistas, não acceitaram o principio da revisão e crê-se que serão substituidos pelos srs. Lefevre e Lesguilher, radicaes.

Os jornaes republ voravelmente o novo gabin

Pariz, 3.—A declaração m á camara dos deputados faz appello os republicanos; quer reformas sérian elaboradas; pede á camara para deixar a governo a opportunidade da revisão da Constituição; e diz que o governo está sinceramente inclinado á manutenção da paz.

Pariz, 3.—O gabinete está constituido conforme já se telegraphou, salvo as seguintes alterações: Ferouillat. justiça; e Delours Montaud, obras publicas.

O conselho de ministros reunirá ás duas horas da tarde, sob a presidencia do sr. Carnot, para decidir os termos da declaração do gabinete, que será ainda hoje lida á camara dos deputados.

Madrid, 3.—Sabe-se que os *comités* eleitoraes do departamento de Aude, em França, votarão no sr. Ferroul, porém exigindo-lhe o compromisso de pedir á camara a reintegração de Boulanger no exercito.

Affirma-se que no programma do novo ministerio não se pedirá a revisão constitucional, se não na parte relativa á eleição do senado.

O sr. Clemenceau, em nome de 106 deputados da esquerda, manifestou que desiste de suscitar novamente a questão de urgencia para a reforma constitucional.

Madrid, 4.—O *Liberal* diz que o snr. Henry Rochefort publica um artigo applaudindo a subida ao poder do ministerio Floquet, e confiando em que o novo gabinete reintegrará promptamente o general Boulanger no commando do exercito.

A *Correspondencia de Hespanha* annuncia correrem boatos de que o imperador Frederico III peiorou, affirmando-se mesmo que vão fazer-lhe uma nova operação.

Se o estado de saude do imperador o permittir, a ceremonia da sua coroação realisar-se-ha no dia 1.º de junho.

A enfermidade de ouvidos do kronprinz está inspirando cuidados. Continúa a supuração e intensas dôres.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

A PRESTAÇÕES DE 500 RÉIS SEMANAES
GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO
Garantia illimitada
por todo o tempo

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" DE NUEVA-YORK PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

A PRESTAÇÕES DE 500 RÉIS SEMANAES
GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO
Ensino e consertos
gratis

A NOVA MACHINA PARA COZER DE
LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' Esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura com as quaes se faz com a maior facilidade os trabalhos mais delicados.

As suas grandes vantagens são:
BRAÇO MUITO ELEVADO
Agulha é sempre ajustavel.
Lançadeira que leva um carrinho de algodão.
Dá 2:000 pontos por minuto!!
Levessimas no trabalho e silenciosas sem egual.
Não preciza encher canella nem enfiar a lançadeira.
O pesponto é o mais bello e o mais illastico.
Todo o seu machinismo é ajustavel estando a machina sempre perfeita.
A nova machina de lançadeira oscillante é dedicada ao serviço de costureiras, alfaiates, sapateiros, chapelleiros, correeiros e para toda a classe de costura.
A nova machina de lançadeira oscillante está construida especialmente para costureiras que se dedicam á costura de punhos e collarinhos.

NOVIDADE
Bordados a alto relevo feitos com lã

PRIVILEGIO
Por vinte annos

COMPANHIA FABRIL „SINGER"
75—Rua de José Estevam—79
PEGADO Á CAIXA ECONOMICA
AVEIRO

ANNUNCIO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão Dias da Silva, no inventario de Pedro Francisco Netto, morador que foi na Preza Pequena, correm editos de trinta dias, citando o interessado João Francisco Netto, ausente em parte incerta no Brazil, para os termos do dito inventario.

Aveiro, 24 de março de 1888.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*Costa e Almeida.*

ASPHALTO
MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo Exija-se o endereço ao lado
36 Rue Vivienne CHABLE PARIS
300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK
VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK
Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phas.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.
Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR
Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*
ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR AL IODURETO DE POTASSIO
Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*
Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phco, 102, rue Richelieu, Sor de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phas.

CARNE, FERRO e QUINA
O mais fortificante dos Alimentos alliado aos Tonicos mais reparadores.
VINHO FERRUGINOSO AROUD
EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE
CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica provam que a associação da Carne, do Ferro e da Quina, constitue o mais energico reparador ate hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *escorbuticas*, etc. O Vinho Ferruginoso Aroud é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.
Venda por grosso, em Paris, na Pharmª de J. FERRÉ, r. Richelieu, 102 Successor de AROUD
ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.
EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

CONTRA A DEBILIDADE
Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Achase á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT, DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomalas, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

SAUDE A TODOS Medicina com purgantes, sem despezas, com o uso da diliciosa farinha de *Saude*,
REVALESCIÉRE
DU BARRY, DE LONDRES
40 annos de invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, alta de restauração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes se contam a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.mas sr.as marqueza de Brahan, duqueza de Castlestuart, dos ex.mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc., etc.

N.º *49:842*: M.me Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervose, nesminlas, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas.—N.º 46:270: M. Roberts, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.—N.º 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.º 46;218: o coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada.—N.º 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e coustipação.—N.º 49:522: M. Baldwin, completa prostração, paralysia de membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.º 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlim, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalesciére du Barry.*

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalesciére* restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula.—Em caixas de folha de lata, de 1|4 kilo, 500 reis; de 1|2 kilo, 800 reis; de 1 kilo, 1$400 reis; de 2 1|2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000 reis.

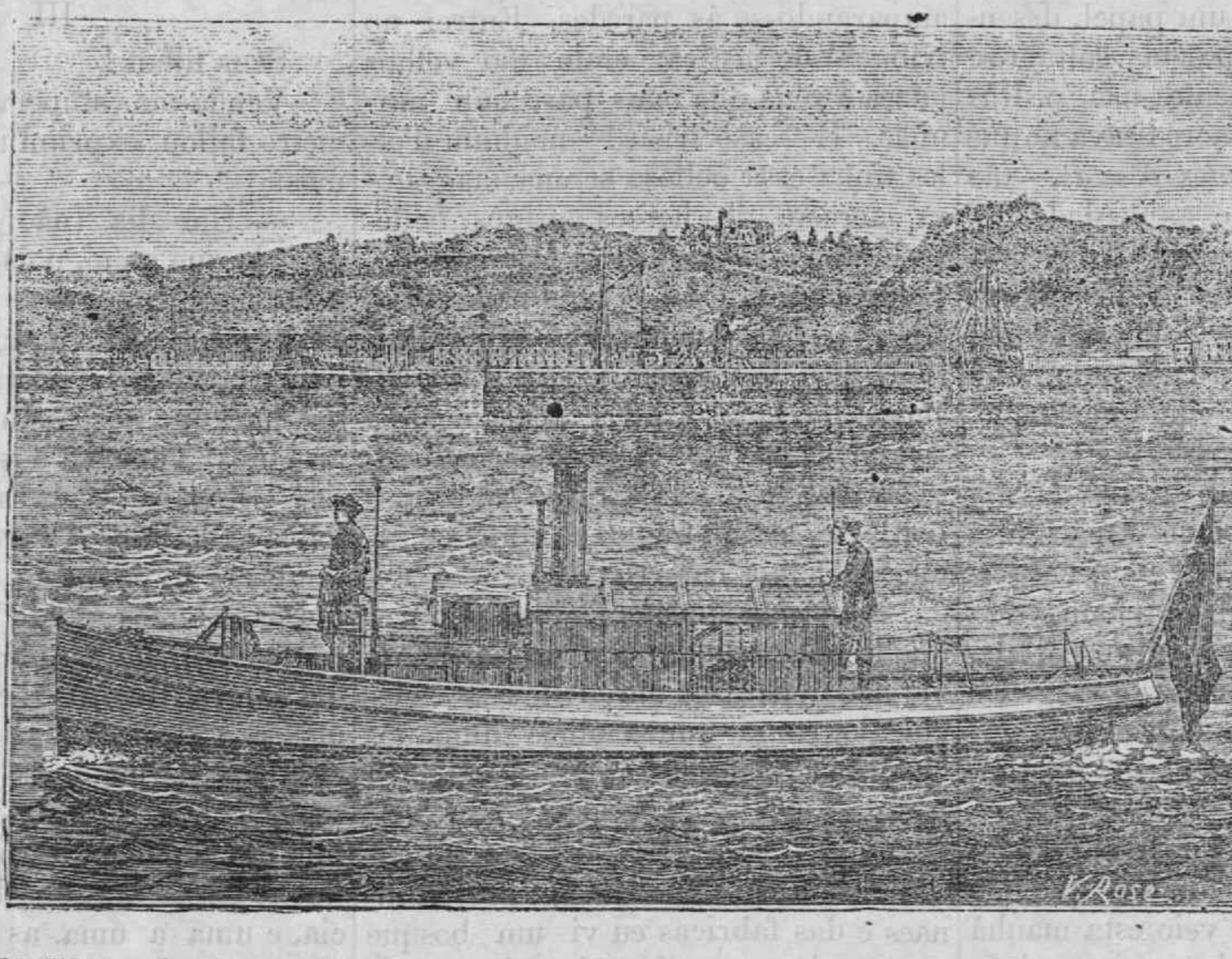
O melhor chocolate para a saude é o *Revalesciére Chocolatada;* ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da *Revalesciére.*

DU BARRY & C.a LIMITED—8, rue Castiglione, Paris; 77, Regent Street.—Londres.

Depositos—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.a, 127, rua de **Nousinho da Silveira.**

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

GARGANTA VOZ e BOCCA PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Phco em PARIS.

CONTRA A TOSSE
Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude de Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de unho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CARVALHO & PONS—EDITORES
Rua do Instituto Industrial, 23 a 21
LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de **Lisboa.**

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

Manuel B. Branco	
El-rei D. Manuel	700
D. Albertina Paraizo	
Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888	240
D. Guiomar Torrezão	
Almanach das Senhoras, para 1888	240
Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888	200
Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888	200
Almanach Illustrado, por F. Pastor	200

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno	4$200
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço .... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Emcvirtude dos muitos pedidos que temos reuebido para abrirmos uma nova assignatura d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.º, *optimo papel e impressão esmeradissima*, sendo illustrado com 500 gravuras, resolvemos fazel-o nas seguintes condições:

Os srs. assignantes pódem receber um ou mais fascicnlos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Tambem pódem receber aos volumes brochados, ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados.

Preço dos volumes:—1.º volume brochado, 1$500 reis; encadernado, 2$400 reis; 2.º volume brochado, 1$350 reis; encadernado, 2$200 reis; 3.º volume brochado, reis 1$250; encadernado, 2$100 reis; 4.º volume brochado, 1$650 reis; encadernado, reis 2$500; 5.º volume brochado, 1$450 reis; encadernado, 2$300 reis. A obra completa em brochura, 7$250 reis; encadernada, reis 11$500.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados em numero de cinco. A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento. ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente em Portugal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, Rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente
POR
Miguel da Costa Trindade
Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das mais importantes d'esta collecção por que n'ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros accidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de reclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Bibliotheca do Povo e das Escolas

Cada volume 50 reis

NUMERO 150

OS BALÕES EM PORTUGAL
POR
JOAO MARIA JALLES
(capitão de artilheria)

David Corazzi, Editor.—Empreza Horas Romanticas, 40 a 52, Rua da Atalaya.—Lisboa.

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca
de alguns aspéctos
da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

Os ANTROS DE PARIS

ULTIMA PRODUCÇÃO
DE
XAVIER DE MONTÉPIN

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litographias, aguareladas por Manuel de Macedo e executadas na litographia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas semanas, pagos adiantadamente. Assigua-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42—Lisboa.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO